

# CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA

E POSSIBILIDADES PARA REPENSAR  
AS PRÁTICAS DE REGISTRO E CONSERVAÇÃO  
DO PATRIMÔNIO MODERNO

## ROTEIRO LINHA PRETA

Organizadoras

Eneida de Almeida  
Gislaine Moura do Nascimento  
Maria Carolina Maziviero  
Maria Isabel Imbronito

Coleção Oficinas Culturais  
7ºDOCOMOMO SP  
São Paulo, 2020

# CARTOGRAFIAS DA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA

E POSSIBILIDADES PARA REPENSAR  
AS PRÁTICAS DE REGISTRO E CONSERVAÇÃO  
DO PATRIMÔNIO MODERNO

## ROTEIRO LINHA PRETA

Organizadoras

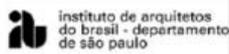
Eneida de Almeida  
Gislaine Moura do Nascimento  
Maria Carolina Maziviero  
Maria Isabel Imbronito

Coleção Oficinas Culturais  
7ºDOCOMOMO SP

São Paulo, 2020

## APOIOS

do\_cómo\_mó\_  
brasil



### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cartografias da memória da população negra e possibilidades para repensar as práticas de registro e conservação do patrimônio moderno [livro eletrônico] : roteiro linha preta / organização Eneida de Almeida ... [et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : Maria Isabel Imbronito, 2020. -- (Oficinas culturais : 7º seminário docomomo São Paulo ; 1)

Outros organizadores : Gislaine Moura do Nascimento, Maria Carolina Maziviero, Maria Isabel Imbronito.  
ISBN 978-65-00-14202-0

1. Arquitetura 2. Cartografia - São Paulo (SP) 3. Memória cultural 4. Patrimônio cultural - Conservação e restauração - São Paulo (SP) 5. Patrimônio histórico - São Paulo (SP) I. Nascimento, Gislaine Moura do. II. Maziviero, Maria Carolina. III. Imbronito, Maria Isabel. IV. Série.

20-52466

CDD-912.19

#### Índices para catálogo sistemático:

1. Cartografia cultural 912.19

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## **Cartografias da Memória da população negra e possibilidades para repensar as práticas de registro e conservação do patrimônio moderno: roteiro linha preta**

*Cartography of memory of the black population and possibilities to rethink the practices of registration and conservation of modern heritage: black line itinerary*

*Mapas de la memoria de la población negra y posibilidades de repensar las prácticas de registro y conservación del patrimonio moderno: recorrido línea negra*

### **ORGANIZADORES:**

**ALMEIDA, Eneida de.** Doutora, Universidade São Judas Tadeu. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PGAUR/USJT).  
Contato: eneida.almeida@saojudas.br

**NASCIMENTO, Gislaine Moura do.** Mestra, egressa da Universidade São Judas Tadeu. Contato: arq.gislainemoura@gmail.com;

**MAZIVIERO, Maria Carolina.** Doutora, Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano (PPU-UFPR).  
Contato: macarolmazi@hotmail.com

**IMBRONITO, Maria Isabel.** Doutora, Universidade São Judas Tadeu. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PGAUR/USJT).  
Contato: maria.imbronito@saojudas.br

### **MONITOR:**

**PAULA, Franklin R. F. de. Doutorando,** Universidade São Judas Tadeu. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.  
Contato: franklinpaula.6871@aluno.saojudas.br

### **PARTICIPANTES:**

**FABRICIO, Déborah.** Especialista em Desenvolvimento Regional. Graduanda em História da Arte. Universidade Federal de São Paulo.  
Contato: deborah.fabricio@unifesp.br

**MONTALDI, Annibal L.** Doutorando. Universidade São Judas Tadeu.  
Contato: annibal.montaldi@saojudas.br

**PREQUERO, Adriana.** Mestranda. Universidade São Judas Tadeu.  
Contato: a.prequero@gmail.com

**SOUSA, Jessyka A.** Graduanda. Faculdade Santa Maria.  
Contato: jessykamalves@gmail.com

**TEBET, Mariana G. C.** Mestranda. Universidade São Judas Tadeu. Contato: mrnguarnieri@gmail.com

**TORRES, Débora C.** Aluna de graduação. Universidade Federal do Paraná. Contato: deboratorres@alunos.utfpr.edu.br

## Sumário

Introdução e fundamentação da proposta	5
Uma compreensão alargada de patrimônio cultural	8
A compreensão das cidades como múltiplas narrativas e espacialidades em disputa	10
Uma abordagem metodológica da cartografia	11
Uma abordagem antirracista como enfrentamento à tabula rasa moderna	13
Relato dos participantes	23
Debate	39
De volta às áreas selecionadas e às discussões ligadas às políticas oficiais de preservação do patrimônio cultural urbano	47
Posfácio. Como preencher as lacunas premeditadamente deixadas pelo racismo?	55
Referências bibliográficas	56
Sobre as autoras	57
Índice Remissivo	58

## Lista de Figuras

Figura 01	Mapa da Concentração da População Negra na cidade de São Paulo elaborado pela Secretaria de Promoção de Igualdade Racial, em 2014 e atualmente extinta.	18
Figura 02	Mapa da renda média por domicílio na cidade de São Paulo elaborado pela Secretaria de Promoção de Igualdade Racial, em 2014 e atualmente extinta.	19
Figura 03	Desenho do percurso feito por Kehinde, a protagonista e narradora da história contada no livro “Um Defeito de Cor”, de Ana Maria Gonçalves.	24
Figura 04	Pontos qualitativos destacados na área do Bixiga (pelo participante Anníbal Montaldi).	28
Figura 05	Referência de Jean-Michel Basquiat nos grafites fotografados por Anníbal Montaldi.	29
Figura 06	Referência de Jean-Michel Basquiat nos grafites fotografados por Anníbal Montaldi.	29
Figura 07	Linguagem que remete aos grafismos presentes em tecidos africanos.	29
Figura 08	Linguagem que remete aos grafismos presentes em tecidos africanos.	29
Figura 09	Grafite com imagens de corpos negros.	30
Figura 10	Grafite com imagens de corpos negros.	30
Figura 11	Grafites com referência das religiões de matrizes africanas. Anníbal Montaldi (2020). <i>Google Maps</i> . [consultado em 12 nov.2020].	31
Figura 12	Grafites com referências das religiões de matrizes africanas.	31
Figura 13	Grafites com referências das religiões de matrizes africanas.	31
Figura 14	Grafites que registram a cultura visual da área central. Anníbal Montaldi, imagens extraídas do <i>Street View</i> .	32
Figura 15	Grafites que registram a cultura visual da área central. Anníbal Montaldi, imagens extraídas do <i>Street View</i> .	32
Figura 16	Grafites que registram a cultura local	32
Figura 17	Grafites com imagens de máscaras africanas.	33
Figura 18	Pontos qualitativos destacados na área da Liberdade, do Bixiga, além do Centro Velho e Novo	36
Figura 19	Pontos qualitativos destacados na área da Liberdade, do Bixiga, do Jabaquara e na Cidade de Santos.	41
Figura 20	Distritos selecionados para estudo na Oficina, Bixiga, Liberdade e Jabaquara.	49
Figura 21	Áreas do Bixiga e da Liberdade: pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura.	51
Figura 22	Área Jabaquara: pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura.	52
Figura 23	Áreas do Bixiga e da Liberdade: sobreposição dos pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura, com marcos da presença e memória da população negra	53
Figura 24	Área do Jabaquara: sobreposição dos pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura, com marcos da presença e memória da população negra	54
Figura 25	Sobreposição dos pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura, com marcos da presença e memória da população negra e marcos viários relevantes	56



## Resumo

Este relato propõe uma incursão no território de áreas centrais da cidade de São Paulo que foram objeto de resoluções de tombamento aprovadas pela esfera municipal de proteção do patrimônio cultural, em uma perspectiva que incorpora os testemunhos dos processos de urbanização e da paisagem cultural. Tem o objetivo de propiciar uma discussão que extrapole as práticas institucionais, de modo a contemplar sujeitos e fatos urbanos que coabitam o patrimônio moderno, trazendo à luz o debate sobre o apagamento de traços da presença e da memória da população negra, especialmente no curso do século XX. Os resultados apontam para a construção de mapeamentos e narrativas a partir de perspectivas pessoais que colaborem para a percepção e compreensão de outras cidades apagadas ou controladas pelo discurso oficial, ainda que se reconheçam a inclusão de algumas dessas vozes, fruto da luta histórica de movimentos sociais negros.

**Palavras-chave:** Cidade e memória. Mapeamento colaborativo. Antirracismo.

## Abstract

The report proposes an incursion into the territory of central areas in the city of São Paulo that were listed by the municipality as cultural heritage, in a perspective that incorporates the testimonies of the urbanization processes and the cultural landscape. It aims to provide a discussion that goes beyond institutional practices, in order to contemplate subjects and urban facts that cohabit with the modern heritage and to bring light to the debate on the erasure of traces of black people presence and memory, especially in the course of the 20th century. The results point to the elaboration of mappings and narratives from personal perspectives that contribute to the perception and understanding of other layers of the city erased or controlled by the official discourse, despite the recognition of some of those voices that were included as a result of the historical struggle from black people's social movements.

**Keywords:** City and memory. Collaborative mapping. Anti-racism.

## Resumen

Este informe propone una incursión en el territorio de las áreas centrales de la ciudad de São Paulo que fueron objeto de registro y resoluciones de protección del patrimonio cultural, aprobadas por el ámbito municipal, en una perspectiva que incorpora los testimonios de los procesos de urbanización y el paisaje cultural. Pretende brindar una discusión que avance más allá de las prácticas institucionales, para contemplar sujetos y hechos urbanos que conviven con el patrimonio moderno, subrayando el debate sobre el borrado de rasgos de la presencia y memoria de la población negra, especialmente en el transcurso de la historia del siglo 20. Los resultados apuntan a la construcción de mapeos y narrativas desde perspectivas personales que contribuyen para la percepción y comprensión de otras ciudades, borradas o controladas por el discurso oficial, aunque se reconoce la inclusión de algunas de las voces desde la lucha histórica de los movimientos sociales negros.

**Palabras clave:** Ciudad y memoria. Mapeo colaborativo. Antirracismo.

## **Memória da população negra e possibilidades para repensar as práticas de registro e conservação do patrimônio moderno: roteiro linha preta**

### **Introdução e fundamentação da proposta**

Os 5º e 6º Seminários Docomomo São Paulo trouxeram propostas de abordagem do patrimônio moderno paulista que correspondem, respectivamente, a modos de reconhecer, intervir e gerir esse patrimônio, assegurados seus valores locais e mundiais, e à associação entre o patrimônio arquitetônico moderno produzido em São Paulo nos períodos de governo autoritário - que abriram janelas de produção relevante - com questões sociais, culturais, políticas e econômicas enunciadas, ao menos em teoria, pelos arquitetos diante das conjunturas presentes.

O 7º Docomomo São Paulo oferece, como prerrogativa temática, ampliar o debate sobre o patrimônio moderno paulista para além de abordagens e conjuntos arquitetônicos consolidados, voltando o olhar para a produção à margem dos grandes centros. Esta proposta abre a perspectiva para a construção de leituras divergentes sobre o patrimônio reconhecido, incorporando elementos que implicam a recalibragem histórica e social de bens, através do registro de itinerários, memórias e relações apagadas tanto na construção como na historiografia do patrimônio moderno.

Marina Waisman (2013) expõe a diferença entre resistência e divergência. Para a autora, a primeira corresponde a entrincheirar-se em atitude preservacionista para a manutenção de um espaço no interior de um sistema, de modo a não ser absorvido por ele; já o posicionamento divergente vislumbra “sair do sistema, deixar de lado suas estruturas e empreender rumos inéditos”. Presume-se que o valor de um bem, não restrito ao objeto, estende-se ao ambiente que ele integra. Este, por sua vez, possui uma densidade histórica e de significados. Sob este aspecto, integrar na discussão elementos sociais e históricos excluídos dos parâmetros presentes na formulação e historiografia moderna do território resultaria em dilatar o sentido do bem e sobrepor sujeitos, ações e representações, afetando a relação entre o espaço e a sociedade. Ao assumir que as estratégias de preservação vão além da escala do edifício, a oficina pretende explorar a tensão entre a demanda social relacionada à proteção da memória da população negra e a preservação do patrimônio moderno construído.

O desafio proposto por Waisman de se “empreender rumos inéditos”, refere-se à necessidade de reformular ou formular instrumentos historiográficos adequados para a compreensão e análise da realidade latino-americana. Essa proposição, entendida como um deslocamento do foco de análise, apresenta pontos de contato com a proposta desta oficina no sentido de alargar a compreensão da arquitetura moderna, de aproximá-la às dinâmicas culturais locais, em concomitância com o conceito de patrimônio, na perspectiva de examiná-los segundo uma ótica crítica contemporânea, desvelando suas inserções no contexto urbano e suas percepções por diferentes sujeitos e grupos sociais que habitam a cidade.

A proposta considera que, se por um lado, a noção de patrimônio cultural envolve um processo de seleção apoiado em fundamentação moldada por critérios científicos, por outro lado, é também conformada pela memória, componente fugidio, movido por afetos, repletos de omissões e apagamentos. De modo equivalente, a ideia de patrimônio, ao mesmo tempo em que comporta uma dimensão material, abrange também uma dimensão imaterial, que, como indica Meneses (2006), “não se encontra aprisionada na consciência dos indivíduos, mas circula, em permanente elaboração, entre representações e interpretações de diferentes atores em suas práticas espaciais”. Nesse sentido, compreende igualmente uma dimensão política e social.

Essa perspectiva de discussão tem como objetivo exercitar uma experiência de educação patrimonial enquanto processo participativo, baseado na via de mão dupla de um conhecimento “em construção”, articulando saberes específicos a uma visão multidisciplinar. Ao instaurar um diálogo com os participantes, pretende-se revelar múltiplos sentidos, mobilizar variadas práticas e, assim, extrapolar conceitos naturalizados que priorizam questões formais e construtivas – componentes certamente essenciais do ideário moderno – de modo a melhor compreender como esses objetos de investigação são percebidos pelos sujeitos e grupos sociais que habitam a cidade.

Tornar o cidadão um guardião do patrimônio requer que ele estabeleça vínculos com o objeto de preservação, que o perceba como algo que lhe pertence, do qual possa se apropriar. Não é o caso de desprestigiar os organismos oficiais de preservação do patrimônio cultural, mas de interceder por modos horizontais e multifacetados de interação, na perspectiva de sensibilizar os participantes para atuar em relação dialética e complementar às instituições oficiais, ampliando os limites dos procedimentos tradicionais.

Nesse sentido, valoriza-se a resiliência da população negra na luta por dignidade no Brasil, sobretudo ao se falar, como neste Seminário, dos espaços urbanos do século

XX. Com menção direta aos movimentos “Marielle, presente!” e “Vidas Negras Importam”, que tanto ganharam projeção nos últimos anos, a população negra, por seus próprios méritos e em reação à violência extrema, tem movimentado forças na sociedade brasileira pela construção de relações mais justas. O momento é oportuno para acessar uma porta nova que se abre e lança luz, outra vez, sobre uma temática inadiável.

São aqui assinaladas algumas áreas de interesse previamente selecionadas para a oficina e as motivações para a formulação de estratégias ligadas a estas áreas:

**Liberdade:** integrar o patrimônio moderno construído às questões urbanas relacionadas ao apagamento da memória da população negra frente à naturalização de ações institucionais que visam consolidar no imaginário social a substituição de uma comunidade por outra;

**Jabaquara:** integrar o patrimônio moderno construído ao patrimônio histórico presente no bairro, diretamente relacionado à memória e a população negra, e ao patrimônio cultural relacionado aos cultos de matriz africana;

**Bixiga:** destacar as recentes mobilizações sociais de proteção ao patrimônio cultural do bairro, como pela defesa da área envoltória do Teatro Oficina, a despeito dos interesses imobiliários, ou pela permanência da quadra da Escola de Samba Vai-Vai, em favor da valorização da memória da população negra.

Contudo, há nesses casos de estudo o interesse também de ressaltar os fatos urbanos que remontam a história da urbanização de São Paulo e que permanecem, a despeito de transformações, por vezes, abruptas, ocorridas a partir de 1930.

O denominado Eixo Liberdade-Vergueiro tombado na RESOLUÇÃO Nº 36/CONPRESP/2018, em atenção aos “caminhos históricos da cidade de São Paulo, seu traçado e geografia, como testemunhos do processo de urbanização da cidade e da sua paisagem cultural”, sugere para a proposta desta oficina uma imersão nessas áreas em busca dos fatos urbanos que coabitam com o patrimônio moderno, considerados ou não pela historiografia da arquitetura.

Nesse sentido, ao expandir os estudos até o Jabaquara, busca-se compreender as permanências que residem no chamado “caminho de Santo Amaro e Borda do Campo” ou, ainda, ater-se às marcas deixadas pelas possíveis rotas de fuga utilizadas por pessoas escravizadas em São Paulo, que arriscaram a vida por proteção no Quilombo do Jabaquara da cidade de Santos, considerado o segundo maior quilombo do país, liderado por Quintino de Lacerda.

Identificar essas marcas é fundamental para um autoconhecimento da sociedade que contribua para um desenvolvimento menos desigual. Resgatar esses percursos, com base nesses manifestos urbanos originados pela resiliência do povo negro, que se esboça por meio de um roteiro aqui denominado “Linha Preta”, e colocar em evidência o registro da presença dessa população que atravessou séculos nos Bairro do Bixiga, Liberdade e Jabaquara, é o propósito central desta atividade.

Tendo em vista a ampliação da pluralidade na leitura do espaço urbano, pretende-se utilizar os sistemas de mapeamento colaborativo (Google My Maps), pela facilidade de sobreposição de informações consideradas essenciais à preservação do patrimônio histórico, social e cultural. Sendo nosso objetivo identificar outras percepções de cidade para além da narrativa oficial, institucional, hegemônica, a oficina aborda as linhas individuais dos participantes, de forma a sobrepor camadas, assinalar tempos e apagamentos, e sugerir referências e lugares sob a perspectiva da experiência cotidiana.

Para dar início às atividades da oficina, cada uma das proponentes, ao se apresentar, trouxe uma perspectiva de aproximação ao tema. Com isso, buscou-se abrir um leque de enfoques e abordagens que pudesse não só ancorar, mas sobretudo estimular as discussões.

## **Uma compreensão alargada de patrimônio cultural**

Eneida de Almeida abre a conversa apresentando uma perspectiva de discussão do patrimônio num sentido ampliado, nos moldes formulados por Ulpiano B. de Meneses (2006) que, ao tratar da cidade como bem cultural, indica três dimensões indissociáveis: a de artefato produzido socialmente; a de campos de forças em disputas; a das representações sociais, equivalente à construção de sentidos, estreitamento de vínculos e engendramento de novas perspectivas de apropriação. Essa compreensão necessariamente articula os elementos materiais a uma atribuição de significados, a uma dimensão simbólica que, por sua vez, acessa o imaginário em contínua elaboração, que circula entre os habitantes e os conecta com as práticas cotidianas. A cidade, nessa

perspectiva, pode ser entendida como uma espécie de palimpsesto, cujo texto é parcialmente apagado para receber novas escrituras. E assim, a oficina e a discussão de patrimônio que está em jogo considera a cidade como um organismo que se renova a partir de novas escrituras, mas também conserva vestígios que permitem divisar sentidos, nos quais se possam ancorar novas leituras, novas prospecções.

A essas cidades cujas práticas conferem formas e usos aos espaços e a instituem como artefato também são atribuídos significados, constituindo uma conexão entre patrimônio material e imaterial, operada por grupos sociais em diferentes práticas espaciais que, se consideradas no transcurso do tempo, as convertem em um amplo repositório de memórias, que articula ausências e presenças, presenças essas muitas vezes reativadas pela própria memória, pela releitura, pelas diferentes interpretações do texto urbano.

Uma segunda possibilidade de abordagem quando se fala de patrimônio, reforçada pelo fato de que estamos inseridos no contexto de Docomomo, um organismo que apresenta um olhar mais específico, um conhecimento instituído de teor técnico e crítico e voltado à documentação e preservação do patrimônio moderno, é pensar no patrimônio do ponto de vista dos princípios e procedimentos produzidos pelas instituições oficiais, como o são os órgãos de preservação, priorizando o diálogo com práticas participativas que se conectam com a população e o tecido vivo da cidade.

É com essa disposição que nossa oficina procurou escapar do limite da concepção institucional, sugerindo uma imersão nas áreas de estudo e observação, em busca dos fatos urbanos que coabitam com o patrimônio moderno, nem sempre considerados pela historiografia da arquitetura. De modo complementar, deseja entender o patrimônio não só como esse território de especialistas, mas que também dialoga com esse conhecimento, com esse saber construído nas instituições, nos órgãos de preservação, procurando problematizar as discussões acerca dos instrumentos de proteção, muitas vezes pautados pela valorização de traços intrinsecamente presentes nos bens. Sem excluir a perspectiva do especialista, é possível cotejá-la com a perspectiva do usuário, daquele que frui e usufrui a cidade, do habitante em contato direto com o bem cultural.

É preciso reconhecer que os órgãos de preservação, de alguma maneira, têm incorporado na própria rotina uma maior interlocução com os interessados, no sentido de propiciar o acompanhamento dos processos e de esclarecer dúvidas. Entretanto, entende-se que ainda há muito o que se aprimorar para romper barreiras de comunicação e fortalecer o diálogo com os sujeitos e os grupos sociais. Do mesmo modo, cabe assinalar um percurso que se deslocou, da atenção específica ao bem cultural visto de

modo isolado, para uma compreensão que incorpora os testemunhos dos processos de urbanização e da paisagem cultural. Enquadram-se nessa perspectiva as resoluções de tombamento aprovadas pelo CONPRESP (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo), apoiado pelo corpo técnico do DPH (Departamento de Patrimônio Histórico), como a do Eixo Liberdade-Vergueiro (Resolução Nº 36/CONPRESP/2018).

Um terceiro prisma de análise assinala a indispensável conexão entre as políticas de preservação do patrimônio e as políticas de planejamento urbano, enfatizando a pertinência das propostas que vão do IGEPAC (Inventário Geral do Patrimônio Ambiental, Cultural e Urbano de São Paulo) ao TICP (Territórios de Interesse Cultural e da Paisagem), como um percurso que extrapola a condição do monumento isolado para se deslocar ao território urbano.

Com o propósito de reforçar essa compreensão, recorreremos a Paul Ricoeur, historiador francês que, com base na associação entre patrimônio, legado e tradição, sublinha:

Mesmo entendida a tradição como transmissão de um depósito, permanece tradição morta se não é interpretação contínua desse depósito, uma herança não é um pacote fechado que passa de mão em mão sem abrir, mas antes um tesouro que tiramos às mãos cheias e que renovamos na própria operação de o esgotar. Toda tradição vive graças à interpretação, e é por esse preço que ela dura, isto é, permanece viva. (RICOEUR, 1977, p. 27)

## **A compreensão das cidades como múltiplas narrativas e espacialidades em disputa**

Maria Carolina Maziviero inicia sua fala colocando algumas questões alinhadas às mencionadas por Eneida de Almeida, para, a partir delas, começar a pensar tanto a produção daqueles que enviaram (ou não) mapas prévios, como considerar a produção apresentada por Gislaine Nascimento ao longo da oficina, a respeito do Patrimônio Oficial e de uma narrativa oculta, interdita, que se pretende desvelar.

Dentro da área de urbanismo e planejamento urbano, Carolina Maziviero sugere que pensar a relação do patrimônio e da construção de identidades também implica pensar a compreensão da cidade como múltiplas espacialidades sobrepostas, em que são possíveis diferentes formas de experienciar, apreender e usufruir a cidade. Com isso, quer dizer que há cidades distintas, sobrepostas na mesma cidade; diz que sua cidade é distinta da cidade de outras pessoas. Isso é interessante em termos de multiplicidade

cultural mas, por outro lado, também aponta a cidade como esse campo de disputas e, inclusive, de narrativas. Fala então dessas narrativas e dos discursos atrelados à ideia de um reconhecimento associado à noção de patrimônio, mas também dessas narrativas associadas ao direito à cidade. Esse é um conceito bastante amplo, mas aqui se apresenta alinhado à noção de Henri Lefebvre, pensando o direito à cidade não apenas sob o ponto de vista do acesso, como disputa por essa cidade tal qual está dada, isto é, pelo acesso à cidade e à construção da cidade tal qual ela está neste momento. Antes, refere-se a uma radicalidade que opera no campo do possível, do devir, quais são as cidades que cada sujeito gostaria ou que luta por, ou disputa. Não é a cidade dada, porque ela já exclui certos sujeitos e formas de vida, já não os insere em sua narrativa. Propõe pensar a construção do discurso, ao qual o patrimônio também está associado, vinculado à disputa e ao direito à cidade no campo do possível, o que implica o reconhecimento de outras formas de vida e de outras vivências. Sobretudo, a oficina pretende tratar desses grupos que tem sua voz não só apagada, mas controlada no espaço urbano e nas formas de representação.

Essa tentativa de trabalhar um mapeamento ou uma cartografia que seja construída a partir dos sujeitos e não a partir de discursos oficiais, ela também colabora para ampliar ou problematizar os discursos e as representações sobre uma única forma de cidade, ou sobre uma única possibilidade de vida, ou ainda sobre um único mundo possível em uma cidade. Pensar a construção do mapeamento e das narrativas, e essa era nossa proposta inicial aqui, a partir das perspectivas individuais dos sujeitos, ajuda a olhar para uma outra cidade ou outras cidades que estão apagadas e controladas pelo discurso homogeneizador oficial que se conhece, ainda que se reconheça a recente tentativa de inclusão de algumas dessas vozes, fruto da luta histórica de movimentos sociais negros.

### **Uma abordagem metodológica da cartografia**

Na sequência das falas de Eneida de Almeida e Maria Carolina Maziviero, Maria Isabel Imbroni discorreu sobre a questão da relação entre representação e ação, trazendo a cartografia enquanto abordagem metodológica ao tema da oficina. Utiliza como base os textos de Eduardo Passos, que tratam da cartografia enquanto método que se configura de modo inverso (os caminhos desencadeiam os fins) e que retomam o conceito de mapa e sua diferença frente à ideia de decalque (DELEUZE; GUATTARI apud PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009).

A palavra mapa, em um sentido anterior àquele dado por Deleuze e Guattari, pressupõe uma representação ideologicamente motivada, com associações de significado atribuídas arbitrariamente à forma representada. Contudo, a cartografia (que foi traduzida dos textos em francês por mapa), conforme proposta pelos autores em Mil Platôs, parte da condição não estática dos elementos mesmos a serem representados. O decalque, enquanto forma de representação, reforça a existência unívoca e absoluta dos objetos. Na cartografia, avesso da representação, cada coisa só é em relação às demais, e estas relações são engendradas e reengendradas continuamente.

Segundo Maria Isabel Imbronito, corroborando com Eneida de Almeida e Maria Carolina Maziviero, a cidade é entendida como uma construção contínua e dinâmica de relações. A oficina proposta, por sua vez, busca no mapeamento dessa dinâmica própria da cidade uma abordagem avessa ao decalque e à representação. Além da cidade que se constrói em camadas, lembrada por Eneida de Almeida como palimpsesto e reforçada por Maria Carolina Maziviero como espaço de disputa, a própria oficina, e sua escrita, é objeto de observação que vem, ela própria, revolver questões espaciais, de memória, de representação e de forças presentes na cidade.

No caso da oficina, é a relação estabelecida entre os participantes e interação das leituras individuais que conjura a cartografia. Parece à proponente que a cartografia vai se delineando por dentro desse processo no qual cada um contribui com uma leitura individual, mas cujo fim, construído por todos, escapa e reflete o processo de discussão ocorrido durante o trabalho.

Desse modo, não convém compreender a cartografia como o recorte estático de alguma coisa que esteve localizado no passado (ou no presente). A proposta da cartografia é manter uma abertura para abranger todos os atravessamentos de forças e registrar, enquanto forma, o simples relato desses processos (PASSOS, KASTRUP, ESCOSSIA, 2009). A cartografia enquanto compromisso de pesquisa revela sua impossibilidade de representar a permanência das coisas, propondo-se a acompanhar movimentos. Nesse sentido, ela é um mapa móvel, parte integrante do processo de conhecimento: ela é parte da aproximação que define a nós mesmos como sujeitos e, simultaneamente, define o objeto do qual nos aproximamos. Passos (2009) vai lembrar que nem sujeito nem objeto são ou existem fora dessa relação cognoscente. Isso implica dizer que ocorre a recalibragem constante dos sujeitos e dos objetos nesse percurso interativo. Implica também em poder constituir significados sobrepostos, cujo sentido pode ser continuamente reconduzido na ação presente, eventualmente atrelando outras

camadas de significado aos mesmos objetos, acionando objetos esquecidos e introduzindo novos elementos e agentes.

Para finalizar, ao mencionar a cartografia como uma espécie de método às avessas, fala-se dessa inseparabilidade entre o conhecer e o fazer dentro do processo da cartografia. Segundo Passos, isso nos garante o compromisso metodológico da disponibilidade do sujeito para a experiência, não restrito a um espaço abordado ou a determinado tempo histórico - propostos como tema da oficina -, mas à própria experiência da oficina. Passos (2009) cita princípios enumerados por Guattari que vêm de encontro a este processo: não impedir; não construir interpretações a ponto de recusar a própria presença/existência das coisas; reivindicar a necessidade de atualização e movimentos contínuos, para vislumbrar sentidos no tempo presente, rejeitando a reprodução de subjetividades acrílicas. Deste modo, sustenta-se a postura de que nada é definitivo, com início e fim demarcados, e que tudo pode ser rearranjado constantemente em novas ligações. Reforça-se que o entendimento do mundo precisa ancorar-se na experiência do real, atento aos vários movimentos e fenômenos.

Desmontam-se assim construções mitológicas que nos acompanham desde que fomos introduzidos no mapa ocidental: de continente vazio disponível aos processos modernos; da natureza sem fim, ilimitada em seus recursos; da constituição de um *ethos* único e harmonicamente arranjado em nosso processo histórico. Imaginar o continente americano como um espaço em que tudo é possível revela-se, ao mesmo tempo, uma grande perspectiva de construção de futuro e da sobreposição de apagamentos, uma vez que as origens históricas da ocupação moderna do Brasil lidam com dicotomias e processos conflituosos que nos cabe interpretar. Além de preconizar que nada “é”, em definitivo, Guattari tem como princípio da esquizoanálise a afirmação de que todo início é suspeito.

### **Uma abordagem antirracista como enfrentamento à tabula rasa moderna**

Gislaine Moura apresenta alguns pontos essenciais para a fundamentação do tema da Oficina, lembrando que antes de iniciar os trabalhos e abordar a questão da Memória da População Negra, é importante e necessário falar sobre racismo.

A proposta da oficina parte do tema do 7º Seminário Docomomo-SP (A difusão da arquitetura moderna, no recorte temporal de 1930-80) e do convite para olhar além dos conjuntos consolidados do patrimônio moderno, e procura considerar o que está à

margem dos grandes centros. O convite é interpretado sob uma perspectiva específica, ou seja, destacar a memória da população negra e a presença do povo negro nas áreas centrais da cidade de São Paulo, a fim de contribuir de alguma forma para desnaturalizar as práticas que empreenderam a urbanização do centro urbano a partir da exclusão da população negra dessas áreas servidas de melhor infraestrutura. Para isso, temos que enfrentar o racismo epistêmico ainda muito presente na sociedade de modo geral, e também no campo acadêmico. O racismo epistêmico é aqui traduzido, em linhas gerais, pela falácia da superioridade intelectual das pessoas brancas em relação aos negros.

Esse recorte temporal do 7º Docomomo-SP é tido como um período de consolidação da modernidade, que trouxe significativas transformações sociais, culturais e políticas, caracterizando um momento em que também se constrói um grande acervo de obras de arquitetura exemplares, que compõem um patrimônio construído a ser valorizado. No entanto, nesta oficina de memória, considera-se que entram nessa equação os sujeitos, como Carolina Maziviero colocou logo no início. Ou seja, considera-se que as estratégias de preservação vão muito além da escala do edifício. Nesse sentido, começamos por não ignorar a demanda da população negra de valorização e reconhecimento também da sua memória frente ao patrimônio moderno construído. Buscamos trabalhar nessa oficina, justamente nessa tensão do que é memória da população negra e o que é patrimônio moderno construído. É esse ponto de tensão que nos interessa.

Para colocar de início a contradição, pois estamos aqui dilatando um pouco essa percepção positiva, esse direcionamento sempre colocado de forma positiva às transformações trazidas pelo moderno, nos reportamos já de início ao geógrafo Milton Santos (1926-2001), um dos principais nomes quando se fala do fenômeno da urbanização. E sobre esse mesmo período, 1930 a 1980, do qual também estamos falando aqui, ele diz

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas ainda mais pobres. (SANTOS, 1993, p. 10)

Milton Santos está falando de planejamento urbano, de instrumentos institucionais, de ações e políticas públicas que estão presentes nos planos diretores, e

que, inevitavelmente, por diversas questões, levam à marginalização da população negra ou da população pobre e, no Brasil, quando falamos da população pobre, nós estamos falando da população negra, majoritariamente.

Ao olharmos para esse gráfico que mostra o percentual de negros por subprefeitura, mesmo que baseado no censo 2010 - sabemos que devido à Pandemia de COVID-19 o censo de 2020 será atrasado, na melhor das hipóteses, por mais um ano -, já há 10 anos fica bem evidente que há uma concentração da população negra em São Paulo nas bordas da cidade, e à medida que vamos nos aproximando das áreas centrais, servidas de melhor infraestrutura, essa concentração cai de forma relevante. Pinheiros é o bairro onde está o menor percentual, 7% de pessoas que se declaram negras, já Parelheiros, no extremo oposto, há uma concentração de 57% de habitantes negros (Figura 1).

Se considerarmos a renda por domicílio, este gráfico se inverte. Nota-se que há uma concentração de famílias com renda mais alta nas áreas centrais, e de residências com menor renda nas margens da cidade, onde, conforme visto no gráfico anterior, está também concentrada a população negra de São Paulo (Figura 2).

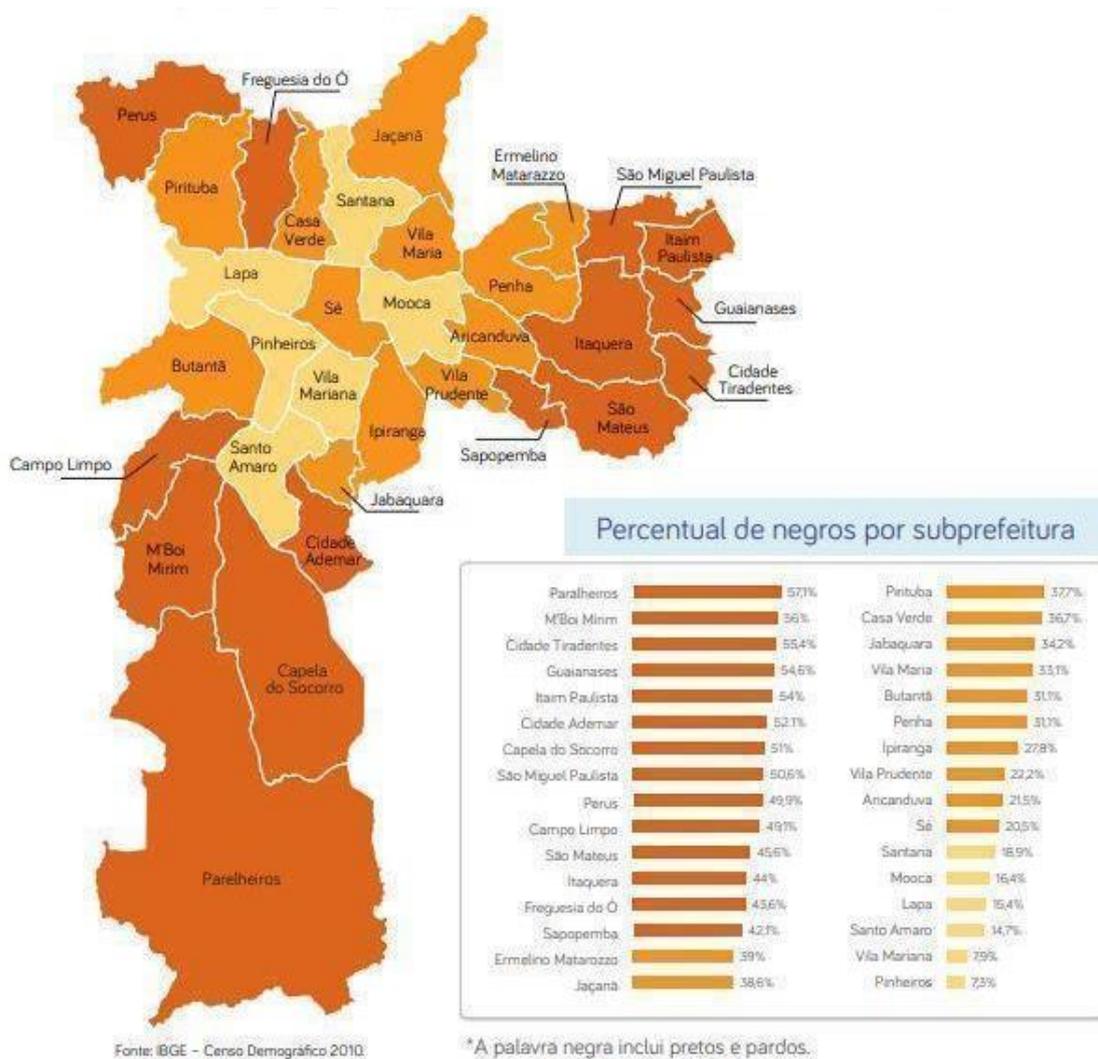


Figura 1 - Mapa da Concentração da População Negra na cidade de São Paulo elaborado pela Secretaria de Promoção de Igualdade Racial, em 2014 e atualmente extinta.

Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade\\_racial/arquivos/Relatorio\\_Final\\_Virtual.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/Relatorio_Final_Virtual.pdf) Acesso: nov/2020

Se considerarmos a renda por domicílio, este gráfico se inverte. Nota-se que há uma concentração de famílias com renda mais alta nas áreas centrais, e de residências com menor renda nas margens da cidade, onde, conforme visto no gráfico anterior, está também concentrada a população negra de São Paulo (Figura 2).



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010.

Figura 2 - Mapa da renda média por domicílio na cidade de São Paulo elaborado pela Secretaria de Promoção de Igualdade Racial, em 2014 e atualmente extinta.

Disponível em:

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade\\_racial/arquivos/Relatorio\\_Final\\_Virtual.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/igualdade_racial/arquivos/Relatorio_Final_Virtual.pdf) Acesso: nov/2020

Consultar esses dados geográficos nos permite observar que esses mapas não podem estar representando o resultado de escolhas individuais, mas sim resultantes de políticas públicas, como bem constatou Milton Santos. A esse respeito, a jornalista Cecília Olliveira publicou no blog The Intercept, em 10 de novembro de 2020, um artigo chamado *Apartheid à Brasileira: como a falácia da democracia racial escamoteou o racismo das leis*, do qual se destacam aqui dois decretos apresentados por ela:

Decreto nº 528, de 28 de Junho de 1890 - Publicação Original

(Revogada em 1991)

#### DA INTRODUÇÃO DE IMMIGRANTES

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de accordo com as condições que forem então estipuladas.

DECRETO-LEI Nº 7.967 de 18 de Setembro De 1945.

(Revogada em 1980)

Art. 1º Todo estrangeiro poderá, entrar no Brasil desde que satisfaça as condições estabelecidas por esta lei.

Art. 2º Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência europeia, assim como a defesa do trabalhador nacional.

Esses dois decretos destacados, entre tantos outros que Cecília Olliveira traz em seu artigo, denominados por ela “leis eugênicas”, vigoraram durante praticamente todo o século XX, estabelecendo o favorecimento à população branca e determinando políticas de controle em relação à população negra.

E, é nesse sentido, que frisamos aqui a tese apresentada pelo filósofo e advogado, Silvio de Almeida, em seu texto, Racismo Estrutural:

(...) a sociedade contemporânea não pode ser compreendida sem os conceitos de raça e de racismo. Procuo então demonstrar como a filosofia, a ciência política, a teoria do direito e a teoria econômica mantêm, ainda que de modo velado, um diálogo com o conceito de raça (...). (ALMEIDA, 2019, p.20 )

Vejam só, a filosofia, a ciência política, o direito e a economia, campos que exercem grande poder dentro de uma sociedade, ainda estabelecem um diálogo com conceito de raça. Nesse prisma é que se remete a Silvio de Almeida, e à sua afirmação de que todo racismo é estrutural, e ainda que qualquer análise feita sobre a sociedade contemporânea, que não considere raça e racismo, não terá nada de universal, será exclusivamente parcial, porque não há como analisar a atualidade sem situá-la em perspectiva histórica, o que torna impossível não se falar de racismo.

Ainda nesse sentido, Grada Kilomba expressa de forma poética, mas igualmente contundente, que:

Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir e seria forçado/a a entrar em uma confrontação desconfortável com as verdades do 'Outro'. Verdades que supostamente não deveriam ser ditas, ouvidas e que "deveriam" ser mantidas "em silêncio como segredos". Gosto muito dessa expressão, "**mantidas em silêncio como segredos**", pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se presume ser um segredo). **Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. [grifo nosso]** (KILOMBA, 2016)

Essa palestra performance de Grada Kilomba, intitulada de "Descolonizando o Conhecimento", aponta como é estranha essa relação que ainda protege o bem estar daquele que um dia foi o colonizador, ou que se espelha tanto nele a ponto de não querer se confrontar com essa realidade que tanto influenciou e ainda tem influência sobre os rumos da nossa sociedade.

E para falar em descolonização, o psiquiatra e filósofo Frantz Fanon (1925-1961) tem um texto fundamental chamado *Os condenados da Terra*, em que explora também esse momento em que uma sociedade luta para se tornar independente, mas quando alcança essa independência continua refém de um determinado grupo da população, que detém o poder e marginaliza seus compatriotas que são, na verdade, a maioria da população. Destaca-se esse trecho em que Fanon afirma: "Preferimos falar precisamente desse tipo de *tábula rasa* que caracteriza de saída toda descolonização" (FANON, 1968, p.25), para estabelecer uma ponte que nos remeta à arquitetura moderna, comprometida com a proposta de se trazer o novo, o desenvolvimento, de conquistar o progresso, como se essa perspectiva implicasse necessariamente a desconsideração do que estava ali naquele território até então.

Para ensaiar uma metodologia de como enfrentar esses desafios, Lélia Gonzales nos mostra o caminho das pedras. Ela, que é uma das principais intelectuais do Movimento Negro e do Feminismo Negro, nos ensina:

(...) **A gente tá falando das noções de consciência e de memória.** Como **consciência a gente entende o lugar do desconhecimento**, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente.

**Já a memória**, a gente considera como o não-saber que conhece, **esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita**,

o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção.

**Consciência exclui o que memória inclui.** Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, **ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade.**

**Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência.**

O que a gente vai tentar é sacar **esse jogo aí, das duas**, também chamado **de dialética.**

E, no que se refere à gente, à crioulada, **a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida**, tirada de cena. E apela prá tudo nesse sentido [embranquecimento]. **Só que isso ta aí... e fala.** [grifo nosso] (GONZALES,1984)

Esse convite que Lélia Gonçalves nos faz mostra o quanto essa fala é importante, porque a história do povo negro não foi escrita, é essencialmente oral. Nesse sentido, a proposta desta oficina, uma ação de convocar pessoas para trazerem suas experiências, trazerem seus mapas, está alinhada ao que sugerem essas pensadoras do Movimento Negro. A filósofa Djamilia Ribeiro também aborda esse tema, e traz isso de forma mais direta, quando diz:

(...) Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer acima de tudo é quebrar com o discurso autorizado e único que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2017, p. 72)

Essa ideia de um pensamento universal, ou de um homem universal é uma das bases mais fortes do pensamento moderno, e é também onde estão ancorados a arquitetura e o urbanismo modernos.

Entretanto, diante do celebrado convite a falar, é comum surgir a dúvida: “Tudo bem, vamos falar, mas como? Onde estão essas nossas histórias roubadas?” Aqui, neste ponto, é importante reconhecer que essas histórias estão registradas nas mais diversas formas de conhecimento e podem ser encontradas em diversas fontes do saber: na música, na dança, na arte, sobretudo na arte de rua, às vezes até mesmo em utensílios domésticos que contam as histórias de nossos ancestrais que foram violentamente retirados.

Nesse sentido, Gislaíne Moura traz uma primeira contribuição para esse mapa colaborativo, com base num exemplo da literatura, o texto *Um Defeito de Cor*, de Ana Maria Gonçalves. O romance foi comentado resumidamente. Num acaso bonito da vida da escritora Ana Maria Gonçalves, ela encontra um bloco de folhas de cerca de trinta centímetros: um manuscrito que seria descartado, e que era o diário de uma africana sequestrada na África aos sete anos de idade, trazida para o Brasil, e que sobreviveu à viagem de navio, sobreviveu à escravidão, e conseguiu retornar à África tardiamente. Ela descreve nesse diário, com uma riqueza de detalhes imensa, toda sua vida adulta, que se torna uma saga em busca de um filho que lhe foi tirado de forma trágica. Durante essa saga, uma das cidades pelas quais ela passa é a província de São Paulo. Por isso são trazidos aqui alguns trechos desse relato de Kehinde, a protagonista e narradora da história:

Havia também o frio, que se tornava pior quanto mais subíamos **o que eles [os tropeiros] chamavam de Serra do Mar** (...) Eu nunca tinha subido serra tão alta(...)"

"estávamos ao pé de **um rio largo, o Rio Pinheiros**, que me lembrava os rios de Salavu [da região de Guiné, da África]"

" (...) quase **não se via nenhum deles [os pretos] de tronco nu pela rua**, mas usando calças e camisas de mangas compridas, e os brancos também andavam mais vestidos, com casaca completa.

"(...) **a cidade parecia estar protegida também por outros três rios, o Anhangabaú, o Tamanduateí e o Tietê** (...). Esse Tamanduateí era interessante, porque parecia fazer as construções dançarem às suas margens, tantas eras as voltas que dava."

"Era também perto da Consolação [Igreja] que havia um mercado onde os homens vendiam os peixes que apanhavam no Tamanduateí e no Tietê, usando umas cercas de taquara (...). **Isso eles tinham aprendido com os índios que ainda habitavam muitas aldeias na cidade** (...) (Trechos da passagem de Kehinde por São Paulo na década 1840) (GONÇALVES, 2020, p.713-718)

O percurso realizado por Kehinde foi lançado na plataforma que estamos usando na oficina, My Maps, como se vê a seguir (Figura 3).

● Lugares visitados pela africana Kehinde, a protagonista e narradora da história contada no livro “Um Defeito de Cor”, de Ana Maria Gonçalves

— Percurso feito a pé pela mesma Kehinde, junto a um grupo de tropeiros, em sua passagem por São Paulo, em meados de 1840.

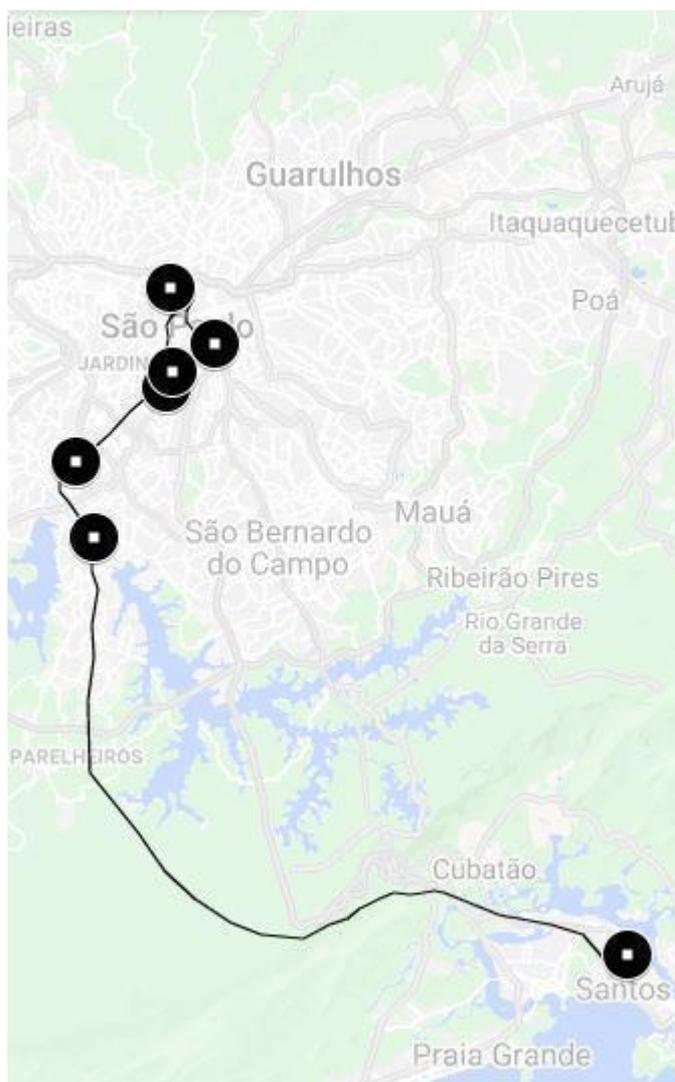


Figura 3 - Desenho do percurso feito por Kehinde, a protagonista e narradora da história contada no livro “Um Defeito de Cor”, de Ana Maria Gonçalves.

Use o link para acessar o mapa:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1Ge0zZm4E6LCfB1hDLF28C13wlwqJiX7a&usp=sharing>

**Autora:** Gislaíne Moura, sobre base do Google My Maps.

Kehinde chega de São Sebastião do Rio de Janeiro ao Porto de Santos, junto a um grupo de 15 homens, tropeiros, que atravessa toda a Serra do Mar a pé, e chega às imediações do Rio Pinheiros. Ela instala-se na Freguesia de Pinheiros, e relata suas impressões sobre as fazendas de Santo Amaro e sobre a vista do Centro da Cidade, citando as plantações de chá, as pontes que ligavam as duas áreas mais altas da cidade, as inundações provocadas pelos rios. Passa pelo mercado de peixes, localizado atrás da Igreja Consolação, e aprecia a paisagem formada pelo Rio Tamanduateí. Um percurso que revela uma outra São Paulo, num roteiro que hoje, a nosso ver, como todos os nossos

recursos, parece impossível, mas que sem dúvida documenta uma beleza que não podemos mais apreciar.

Por fim, Gislaïne Moura encerra o seu relato com a convocatória da Angela Davis “Numa sociedade racista não basta não ser racista, é preciso ser antirracista”. Por antirracista entende a postura de não fechar os olhos ou não ignorar quando essas estratégias de marginalização, de discriminação e até mesmo de extermínio da população negra estiverem sendo colocadas em prática, mas é também reconhecer qual é a parte de cada um nessa estrutura e como essa parte, na qual cada um está inserido, contribui para a continuidade do racismo. Nesse sentido, apresentam-se desafios significativos para a arquitetura e o urbanismo, como processos sociais e culturais, na perspectiva de convocarem o exercício pleno dos direitos para a construção e apropriação de ambiente urbano, que se reflitam de modo mais evidente na qualidade da vida cotidiana, em que esteja presente uma condição mais democrática e igualitária, uma condição em que não haja lugar para o racismo.

## **Relato dos participantes**

### **Jéssyca Alves**

Informa que está cursando o quarto período do curso de Arquitetura, é da Paraíba, do Sertão, de Cajazeiras, e explica qual foi o interesse que a motivou a participar da oficina. Diz que ficou curiosa pois nunca tinha ouvido falar do Docomomo no meio acadêmico, na sua faculdade. Viu a programação do evento numa rede social e pensou em se inscrever. Nesse contexto de pandemia, a possibilidade de participação *online* foi um incentivo a mais.

Relata que teve um pouco de dificuldade no My Maps, pois nunca tinha usado a plataforma e que, portanto, sua participação se daria na condição de ouvinte, reafirmando o interesse em acompanhar o desenvolvimento dos relatos.

### **Anníbal Montaldi**

Anníbal Montaldi se apresenta ressaltando os vínculos com as proponentes da oficina, estabelecidos na atividade docente: com Maria Carolina Maziviero, durante o período em que lecionou na Universidade Judas, de 2014 a 2018; com Gislaïne

Nascimento, também no período de sua participação como docente na Universidade São Judas Tadeu, entre 2015 e 2017, com quem participou em bancas de Trabalho Final de Graduação de Arquitetura e Urbanismo; é atualmente colega de Eneida de Almeida e Maria Isabel Imbronito, e doutorando do PGAUR/USJT, tendo a Prof.<sup>a</sup> Eneida como orientadora, dedicando-se aos temas de pesquisa que interligam História da Arte e História da Arquitetura.

Explica que, ao receber o material da oficina e se dar conta de que havia uma solicitação de relato pessoal, passou a revisitar suas memórias pessoais. Não tendo muito contato com a área do Jabaquara, deteve-se no Bixiga, pela proximidade com essa área, desde a adolescência, pela relação que esse território desenvolve com o campo cultural. De todo modo, sinalizou que não nasceu na área central, é da Zona Leste de São Paulo, de uma região situada entre a Vila Prudente e a Mooca, muito carente em atividades culturais, o que o obrigava a migrar para as áreas centrais de maior movimento.

Inicialmente, pensou na relação com a comunidade negra. Embora não tenha um vínculo mais estreito, nem um conhecimento aprofundado, lembra-se do carnaval, pois sempre desfilou, e frequentava os ensaios da Vai-Vai, pois tinha um amigo que morava na Rua Rocha. Praticamente todos os domingos à noite ouviam os ensaios da Escola de Samba do apartamento dele. Quando chegava mais próximo ao carnaval, o som era mais alto e, muitas vezes, eles desciam para os ensaios. Como ele sempre gostou de carnaval, ia também a outros ensaios. A Vai-Vai e a Camisa Verde e Branco eram as duas escolas que ele acompanhava com maior frequência. Conta que chegou a visitar as quadras da Rosas de Ouro e da Águia de Ouro, mas percebia que a Vai-Vai e a Camisa Verde Branco estavam mais ligadas às comunidades locais, pareciam mais enraizadas nos bairros. Nessa época, todas as alas mais importantes, como a das baianas, eram compostas por pessoas da comunidade, que eram bancadas pelas Escolas. As fantasias, por exemplo, eram dadas a essas pessoas pelas Escolas, que também trabalhavam na produção do carnaval. Portanto, uma das coisas que mais lhe chamava atenção era essa ligação das agremiações de samba com o seu entorno. Na Camisa Verde e Branco, ele tinha um contato mais próximo com as pessoas da comunidade, mesmo assim se via como um estrangeiro nos dois espaços: no caso da Camisa Verde Branco, por não pertencer à comunidade, onde a maioria das pessoas eram negras, com certeza, e também no caso da Vai-Vai, uma escola de maior porte, inclusive monetário, fixada na região central. Portanto, com uma condição de referência para a cidade como um todo, percebia-se que

a presença maciça das pessoas que ia aos ensaios era, da ordem de 90%, da comunidade negra. Ele diz que achava muito interessante quando comparava as duas, porque notava uma apropriação maior dessa identidade dentro da Vai-Vai, refere-se à negritude, às raízes, como se identificasse uma maior consciência dessa condição.

Conta ainda que mais tarde, durante a formação em arquitetura, interessou-se por estudar o tema dos Quilombolas no Bixiga, a presença deles na origem da ocupação das áreas mais baixas do ponto de vista topográfico. Uma ocupação majoritariamente constituída por uma parcela da população rejeitada pela sociedade, por aqueles que eram colocados à margem. Anníbal assinala que essa forte presença dos quilombolas, como comunidades excluídas, de certo modo persistiu no tempo, com a ocupação de outros grupos tidos como marginais sociais, por exemplo, nos cortiços habitados por pessoas de baixa renda, desempregados, e pelos circuitos de prostituição que ocorrem nesses locais, o que, muitas vezes, contribui para estigmatizar grupos e experiências que ali têm lugar.

Anníbal relata que, ao iniciar o mapa pessoal, o primeiro ponto assinalado foi a Vai-Vai, a princípio por uma questão afetiva, pela memória muito boa daquele contato de outros tempos. Depois, começou a lembrar os trajetos feitos nessa região, primeiro em razão daquela amizade mencionada, depois em diversos trabalhos realizados naquela área, durante o curso de arquitetura, quando ficou mais atento e mais familiarizado à dinâmica do lugar. Mas, como estamos nesse contexto de pandemia, em que não é possível circular presencialmente pela cidade, utilizou o recurso do *Street View*, procurando as imagens dos lugares frequentados. A ligação com a arte orientou a atenção para os grafites existentes, e pôde perceber algo que o próprio tema da oficina o fez reparar: a grande quantidade de grafites - de um percurso iniciado pela Rua Cardeal Leme, saindo pela Vai-Vai, passando pela Rua Una, seguindo pela Marques Leão, e em seguida pela Rua Dr. Lourenço Granato - que estabelece relação com imagens e símbolos da cultura negra que, de algum modo, ali se apresentam. Essa pode ser uma evidência de uma maior conscientização dessa comunidade, pelo menos aparece como uma maior conscientização, por representar uma aproximação com a identidade e cultura de matriz africana.

- Bixiga - Perímetro de preservação
- Distrito da Bela Vista
- Pontos destacados pelo participante

**Anníbal Montaldi**

**Bixiga:**

- Quadra da Escola de Samba Vai-Vai;
- Grafites existentes nos muros das ruas Rocha, Almirante Marques de Leão, e Dr. Lourenço Granato

Anníbal Montaldi ressalta a presença da imagem de corpos negros, e de grafismos que remetem aos tecidos africanos, e ainda, das fortes representações dos orixás das religiões de matrizes africanas nos grafites encontrados no percurso destacado.

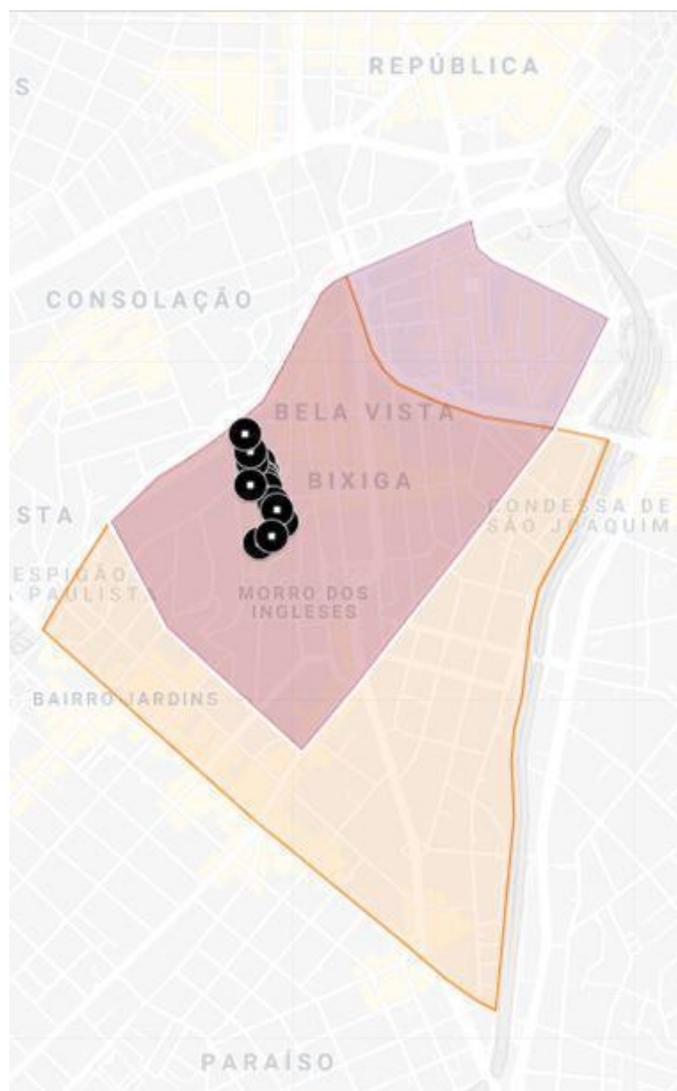


Figura 4 - Pontos qualitativos destacados na área do Bixiga pelo participante Aníbal Montaldi.

Use o link para acessar o mapa:

<https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1-nldvh2RmCXrjWSwaO3Q7elG9wrR6wbS&usp=sharing>

**Autor:** Anníbal Montaldi. Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps.

Num próximo passo, fez associações de uma imagem da Rua Marques Leão com obras de artistas conhecidos, como Jean-Michel Basquiat, pelo modo como empregava o traço em sua linguagem visual.

Passa em seguida a descrever as imagens dos grafites, enquanto as apresenta aos demais:

- Nessa imagem, a referência aos elementos culturais de matrizes africanas não está no rosto ou na figura humana negra, mas nos grafismos e nas figuras geométricas dos tecidos.



Figura 5 – Referência de Jean-Michel Basquiat nos grafites fotografados por Anníbal Montaldi.

Anníbal Montaldi (2020). Google Maps.[consultado em 12 nov.2020].

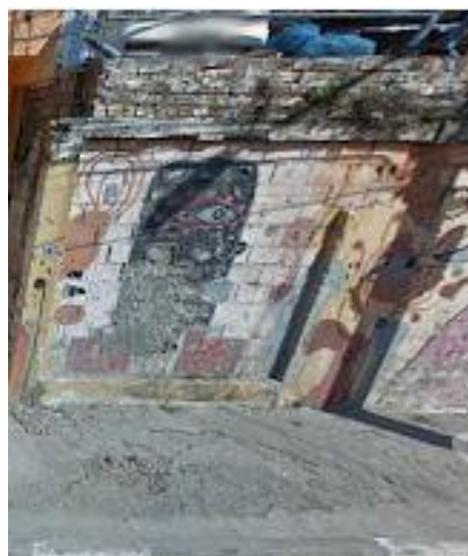


Figura 6 - Referência de Jean-Michel Basquiat nos grafites fotografados por Anníbal Montaldi.

Anníbal Montaldi (2020). Google Maps.[consultado em 12 nov.2020].

- De novo a presença da figura humana em que os traços identitários são associados com a negritude



Figura 7 - Linguagem que remete aos grafismos presentes em tecidos africanos.

Anníbal Montaldi (2020). Google Maps.[consultado em 12 nov.2020].



Figura 8 – Linguagem que remete aos grafismos presentes em tecidos africanos.

Anníbal Montaldi (2020). Google Maps.[consultado em 12 nov.2020].

- A partir do momento em que se observa essa imagem, é possível construir uma história, um reconhecimento identitário e, assim, fortalecer a autoestima.



Figura 9 - Grafite com imagens de corpos negros.

Anníbal Montaldi (2020).  
Google Maps.[consultado em  
12 nov.2020].



Figura 10 - Grafite com imagens de corpos negros.

Anníbal Montaldi (2020). Google  
Maps.[consultado em 12 nov.2020].

- Há também várias imagens de figuras das religiões de matriz africana.



Figura 11 - Grafites com referência das religiões de matrizes africanas.

Anníbal Montaldi (2020). Google Maps.[consultado em 12 nov.2020].

- Nesse caminho a presença de uma identidade cultural negra não tem como ser ignorada.



Figura 12 - Grafites com referências das religiões de matrizes africanas.

Anníbal Montaldi (2020). Google Maps.[consultado em 12 nov.2020].



Figura 13 - Grafites com referências das religiões de matrizes africanas.

Anníbal Montaldi (2020). Google Maps.[consultado em 12 nov.2020].

- É também possível reconhecer grafismos mais genéricos que se encontram em outros bairros centrais, que registram a cultura visual do centro.



Figura 14 – Grafites que registram a cultura visual da área central.

Anníbal Montaldi, imagens extraídas do *Street View*.



Figura 15 - Grafites que registram a cultura visual da área central.

Anníbal Montaldi, imagens extraídas do *Street View*.



Figura 16 - Grafites que registram a cultura local

Anníbal Montaldi, imagens extraídas do *Street View*.

- Ao pé da escada, e nos postes vêem-se algumas máscaras africanas.



Figura 17 - Grafites com imagens de máscaras africanas.

Anníbal Montaldi (2020).  
Google Maps.[consultado em  
12 nov.2020].

Falar da Vai-Vai, dos temas do carnaval, foi a forma que Anníbal encontrou para falar da cultura negra. E o carnaval, muitas vezes, é visto como algo que não tem valor, mas que isso pode se mostrar como um processo cultural e histórico.

O interessante é que, apesar de ele já ter reparado nos grafites da região, sublinha que nunca tinha reparado a relação com a identidade negra. Esse é mais um motivo para celebrar eventos como esse.

### **Déborah Fabrício**

A participante Déborah Fabrício saudou a todas e todos e agradeceu ao convite da Gislaine Nascimento para participar do Docomomo. Apresenta-se como paulistana de 43 anos. Como paulistana, disse ter a inquietação de não se ver na cidade, diante das representações nos espaços, desde sua infância. Quando criança, por exemplo, no aniversário da cidade, era comum ouvir que São Paulo trazia a contribuição de vários povos e de várias culturas, e se incomodava em não se ver representada. Tornou-se tecnóloga da construção civil. Depois cursou Turismo no Instituto Federal de São Paulo (na época, CEFET), e tem trabalhado na área desde então. Cursou algumas disciplinas como aluna ouvinte e especial na FAU, e fez uma especialização na Universidade Federal do Paraná, na área de Planejamento e Desenvolvimento Regional.

Tornou-se guia de turismo em São Paulo em 2014, durante a Copa do Mundo, através de um concurso da SP Turis. Trabalhou para promover a Cidade de São Paulo, e foi então que começou a conhecer mais a fundo seus atrativos. Como turismóloga, diz que no início não podia sair com as pessoas, mas apenas recebê-las nas centrais turísticas, buscando sugerir-lhes roteiros. Mais recentemente, até a data anterior ao isolamento da pandemia de Covid-19, adotava a prática de sair com pessoas em roteiros pela cidade. Atualmente, devido à pandemia, o trabalho ocorria *online* e saídas presenciais estavam restritas.

Em seu interesse pela cidade, buscou outras narrativas. No caso, a narrativa negra, através do Tour de Arquitetura e Tour Afro. Menciona o aprendizado que fará parte da vida de sua filha Carmem, que não esteve presente durante a formação de sua faixa etária. Segundo Déborah, as pessoas a questionam: “Poxa, mas você vai falar que a Liberdade não é um bairro japonês? Você está querendo mudar a história?” Para ela, trata-se de incluir e mostrar que o povo negro também fez parte da construção e do desenvolvimento de São Paulo e do Brasil.

Para seu relato dentro da oficina, Déborah mencionou alguns roteiros. Acha importantes as regiões propostas na Oficina: Jabaquara, Bixiga e Bela Vista. Concorde com Anníbal quando mostra a Vai-Vai, pois entende a Vai-Vai como uma resistência. Menciona a Pastoral Negra da Igreja da Achiropita, quase desconhecida, que sofre preconceito dentro da própria igreja, pois não é bem aceita pelos frequentadores e pela comunidade. E que também é uma resistência. Assim como, na área central de São Paulo, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Largo do Paissandú, que tem uma história. Essa igreja, localizada atualmente no Paissandú, teve seu primeiro endereço onde hoje está a Praça Antônio Prado, no Centro Velho, onde era a BM&F (agora B3).

Sobre a história oficial de São Paulo, conta que, por mais de 300 anos após a sua fundação, em 1554, a cidade ficou concentrada no que hoje chamamos de triângulo histórico, formado em seus vértices pelas Igrejas e Ordens Religiosas dos Franciscanos, Beneditinos e Carmelitas. Só que havia uma área esquecida no triângulo histórico, onde hoje é a Praça Antônio Prado - por isso os negros ocuparam -, se chamava Largo do Rosário, por conta da Igreja de 1721-1722, uma construção em estilo colonial de uma torre, assim como muitas igrejas do Brasil. A Rua 15 de Novembro era chamada de Rua do Rosário, por conta dessa igreja. A partir do momento que essa área começou a ser valorizada, começa a expulsão dos negros. É importante falar que a Igreja tinha propriedades ao redor do Largo do Rosário. Havia uma rua que era chamada Rua das Casinhas, que eram de propriedade da Irmandade do Rosário. O primeiro prefeito de São Paulo, Antonio Prado, da famosa família Prado, expulsou os negros do local, e eles passaram a ocupar o Largo do Acu, que hoje chamamos Paissandu. Déborah Fabrício lembra que, naquela época, como não havia pontes, o Largo do Paissandu, hoje Centro Novo, era uma periferia. Então, na época (a igreja do atual endereço é de 1906), o então prefeito doou aquela antiga área para seu irmão, Martinico Prado, que construiu o Palacete Martinico Prado.

Essa questão da gentrificação acaba acontecendo até hoje, nas disputas pelos espaços da cidade. Uma pesquisa feita pela Folha de São Paulo mostrou que, atualmente, há mais negros em São Paulo no bairro do Lajeado, que fica atrás de Cidade Tiradentes, um lugar de pouco acesso à infraestrutura urbana consolidada.

Voltando à questão dos pontos a destacar no mapeamento, Deborah Fabrício acrescentou a Igreja do Carmo. Destacou também um personagem do século XVII que foi Tebas. Recentemente reconhecido como arquiteto, foi responsável pela construção da fachada da antiga Igreja da Sé, que ficava no Larginho da Sé. Também acrescentou

a Faculdade de Direito para falar de Luís Gama que, apesar de não ter estudado ali por ser negro, foi um autodidata considerado rábula, com autorização para exercer as funções de advogado. Tornou-se um símbolo de resistência, um abolicionista que conseguiu alforriar muitos escravizados.

Existem muitos outros espaços relevantes, como a Liberdade, mas a participante considerou importante frisar essas áreas do Centro Histórico.

- Distrito da Liberdade
- Distrito da Bela Vista
- Perímetros de Preservação

- Pontos destacados pela participante

**Déborah Fabricio**

**Bixiga:**

- Pastoral Afro da Igreja Nossa Senhora da Achiroupita;

**Liberdade:**

- Capela dos Aflitos;
- Igreja de São Gonçalo (A fachada foi refeita pelo Arquiteto Tebas)

**Centro Velho:**

- Triangulo histórico
- Fachada da Antiga Sé construída por Tebas
- Fachada da Igreja do Carmo construída por Tebas
- Antiga fachada do mosteiro de São Bento construída por Tebas, no século XVIII
- Escultura do arquiteto Tebas (Joaquim Pinto de Oliveira)
- Escultura de Zumbi dos Palmares

**Centro Novo:**

- Escultura de Luís Gama
- Escultura Mãe Preta
- Largo da Memória
- Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos

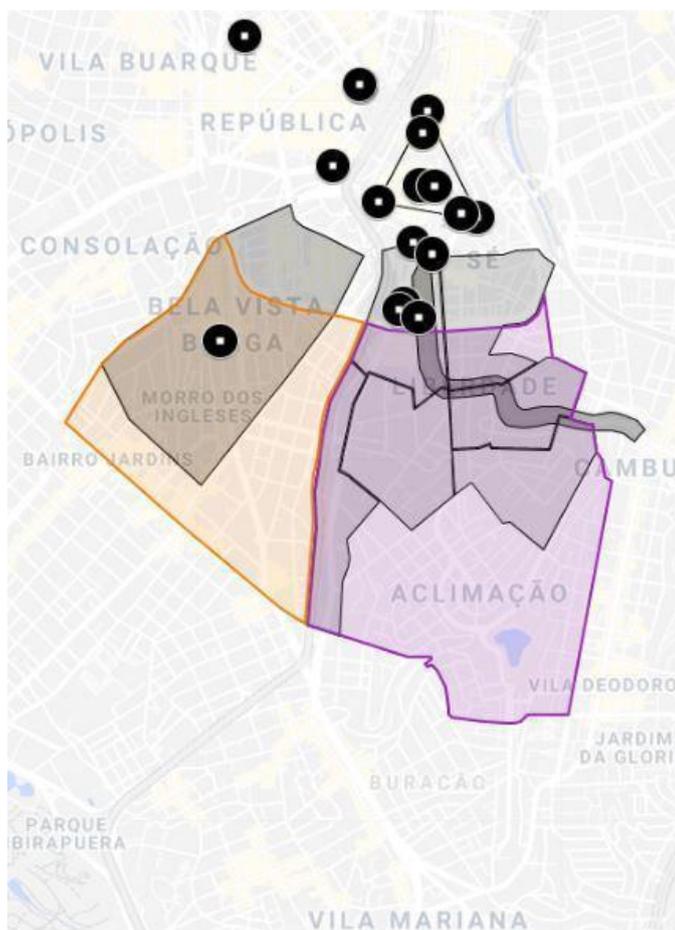


Figura 18 - Pontos qualitativos destacados na área da Liberdade, do Bixiga, além do Centro Velho e Novo

Use o link para acessar o mapa:

<https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1EO15Fw2nXjevtsmYUd08MgMi25PggqvS&usp=sharing>

**Autora:** Déborah Fabricio. Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps.

## Franklin Ferreira de Paula

Franklin Ferreira, doutorando da Universidade São Judas Tadeu sob orientação da professora Maria Isabel Imbrunito, relata que retornou à Universidade São Judas depois de 10 anos afastado, tendo sido aluno de graduação, iniciação científica e mestrado. Fez parte da comissão organizadora do 7° Seminário Docomomo-SP e apresentou-se como monitor da presente oficina.

Aproveitou a fala de Déborah Fabrício, que havia mencionado Tebas, e de Anníbal Montaldi, que trouxe a Vai-Vai e o Bixiga, para compartilhar uma publicação recentemente lançada com o enredo da Escola de Samba Paulistana da Glória, e fez a leitura do texto abaixo:

Praça Da Sé Sua Lenda Seu Passado Seu Presente

Autor: Geraldo Filme

Tebas negro escravo  
Profissão alvenaria  
Construiu a velha Sé  
Em troca da carta de alforria  
Trinta mil cruzados que lhe deu padre Justino  
Tornou seu sonho realidade  
Daí surgiu a velha Sé  
Que hoje é o marco zero da cidade  
Exalto no cantar de minha gente  
A sua lenda, seu passado, seu presente

Praça que nasceu do ideal  
E braço escravo, é praça do povo  
Velho relógio, encontro dos namorados  
Me lembro ainda do bondinho de tostão  
Engraxate batendo na lata de graxa  
E o camelô fazendo pregão  
O tira-teima dos sambistas do passado  
Bixiga, Barra Funda e Lavapés  
O jogo da tiririca era formado  
O ruim caía, o bom ficava de pé

No meu São Paulo, olê olê, era moda  
Vamos na sé que hoje tem samba de roda

Tebas, o Negro

## **Adriana Prequero**

Adriana Prequero elogiou as apresentações feitas e fez um relato sobre sua experiência de infância. Nasceu e cresceu no bairro da Mooca, e não se recorda do contato com a população negra, mas do contato com nordestinos que habitam a Mooca. No que se refere à Mooca, diz tratar-se de um local ocupado por índios, depois por portugueses e, ao final da escravatura, por italianos. Era um bairro originalmente operário, onde ocorreu a primeira greve de trabalhadores do Brasil, ali próximo ao supermercado Extra [antigo Cotonifício Crespi, próximo à Universidade São Judas], e hoje, politicamente, é um reduto de direita, da elite branca paulistana, uma comunidade bem fechada em torno da origem italiana, que se orgulha do sotaque moquense, que é patrimônio imaterial da cidade de São Paulo. Adriana fez faculdade na Zona Sul, na Vila Olímpia, onde também não teve contato com estudantes negros.

A lembrança trazida por Adriana Prequero da população negra veio através da umbanda, pois costumava frequentar com amigos, muito pelos instrumentos de som e pelos batuques. E também pelo contato com a música, nem tanto pelo samba, mas por Gilberto Gil e pelo movimento Tropicália, e também pela música norte americana, através do jazz e do blues. O blues originou-se em campos de colheita de algodão, dos lamentos das pessoas americanas em condição de escravidão. Segundo Adriana Prequero, a cultura negra é muito rica, seja com seus orixás, seja com sua própria estética. Acredita ser lamentável não ter tido essas histórias na escola durante sua formação. Naquela época, a história concentrava-se na Europa, e aprendia-se sobre a vinda dos portugueses, a invasão dos franceses, dos holandeses, e toda a cultura europeia, sem a devida valorização da nossa própria cultura. O mesmo ocorre com as religiões de matriz africana: conhece-se a história de todos os santos católicos, mas ignoram-se os símbolos das religiões de matriz africana, sendo que elas estão presentes em todo o Brasil. Agradece novamente a oportunidade de estabelecer uma discussão na oficina e do contato com as referências apresentadas.

## **Debora Torres**

Cumprimenta a todos e explica que não colocou os pontos no mapa, porque não conhece São Paulo como destino final, diz que esteve na cidade de passagem, fixando-se em algum ponto específico, em algum restaurante, e depois segue caminho.

Conta que se interessou pelo tema porque poderia ver uma São Paulo diferente, a partir da oficina, sem o senso comum que se difunde a respeito da cidade, e também

pelo fato de ser estudante de arquitetura da UFPR, cursando o 7º período de Arquitetura, e pela afinidade que tem com a Profa. Maria Carolina Maziviero, com os temas que ela investiga.

### **Mariana Guarnieri de Campos Tebet**

Mariana Guarnieri Tebet parabeniza a oficina e menciona que enviou um diagrama mostrando, de forma territorializada, um pouco de sua trajetória e como ela se conecta à memória das populações negras. Menciona sua vivência nas cidades de Santos e Ouro Preto, cidade colonial, com lugares significativos para a memória negra, apesar de sempre pautadas pelo olhar do branco.

Mariana tem duas pesquisas em andamento: no TFG, orientada por Eneida de Almeida, sobre o bairro da Liberdade, e no mestrado da Universidade São Judas, orientada por Claudio Amaral, voltada para a educação e para as políticas de educação. Acabou se envolvendo com o tema de pesquisa de seu orientador, John Ruskin, um intelectual inglês do século XIX, que acabou influenciando as políticas de educação do Brasil, por meio do Rui Barbosa, figura polêmica dentro da memória negra por, conta da queima dos arquivos da escravidão.

A participante Mariana Guarnieri informou que havia acabado de finalizar seu Trabalho Final de Graduação em assuntos de interesse para a discussão da oficina, e compartilhou alguns lugares que observou durante essa pesquisa, com forte relação com a memória negra, além dos locais oficialmente reconhecidos como patrimônio histórico. Menciona como suas pesquisas dialogam com o texto citado por Gislaïne, de autoria de Ana Maria Gonçalves, no qual é feito o relato da subida pela Serra do Mar: a relação com a natureza e com os rios que abraçam o território. Mariana chamou a atenção para processos que a urbanização impõe às pessoas - não só aos negros, mas a todos. O controle do abastecimento de água, por exemplo, que teve um aspecto higiênico e sanitário fundamental no combate às doenças e às epidemias, mas que favoreceu, ao mesmo tempo, uma outra higienização: a social. Com a pesquisa, e a redescoberta dos rios da cidade que foram canalizados, percebeu, por exemplo, que os vínculos que as religiões de matriz africana têm com a natureza - como as ervas utilizadas para os banhos -, foram negados quando a cidade foi se urbanizando.

Entre os levantamentos realizados em seu TFG, a participante fez um estudo inicial em relação à topografia e à hidrografia. A pesquisa se amparou também no entendimento de Área Envoltória, em como essas áreas são definidas e quais são os

aspectos importantes. Um ponto verificado foi o tombamento da estação Liberdade, patrimônio moderno, que não delimita Área Envoltória, mesmo com tantos lugares importantes para a relação com as memórias relacionadas ao lugar em que se insere, como a própria Praça da Liberdade ou a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados. A sua pesquisa considerou os eixos históricos tombados que têm início entre o Largo de São Gonçalo e a Praça da Liberdade: o eixo Liberdade-Vergueiro, no trajeto do bonde para Santo Amaro no fim do século XIX, e o Eixo Glória-Lavapés, antiga trilha indígena do Peabiru, percurso que deu origem ao Caminho do Mar, ligando Santos à São Paulo. Na pesquisa foram estudados bens específicos nesses trajetos, mas os próprios eixos também considerados como bem, pelo significado desses caminhos. A narrativa mencionada de Ana Maria Gonçalves reforça a percepção de como os percursos eram importantes para a compreensão do território - e reafirmam a importância do tombamento para dar visibilidade a percursos que ela não imaginava que existiam. Mesmo frequentando o bairro e transitando por essas ruas quando morou perto da Liberdade, a participante nunca soube da existência e da importância dos eixos até a realização da pesquisa.

Alguns elementos pontuais foram colocados no mapa. Dos pontos marcados, chama a atenção para lugares não tombados, como o Paulistano da Glória, que, de acordo com suas pesquisas, fica na Rua da Glória e foi descaracterizado. Trata-se de um salão de baile bastante frequentado pela população negra entre as décadas de 1940 e 1960. Menciona também a escola de Samba Lavapés, criada na década de 1930 por uma mulher negra. Cita as Cinco Esquinas, que é a confluência da Rua Lavapés com as ruas Glicério, Bueno de Andrade, Sinimbu e Rua da Glória, e também a Praça da Sé, como pontos de encontro dos trabalhadores negros nesse período, como as rodas de samba e pernadas.

A participante citou outros pontos no roteiro proposto pela oficina: no bairro do Jabaquara, em São Paulo, o Centro de Culturas Negras, antigo Centro Pai Cayo Egídio, agora renomeado (Mãe Sylvia de Oxalá); e no bairro do Jabaquara, em Santos, o Quilombo do Jabaquara e o Quilombo do Pai Felipe (Rei Batuqueiro). Esses últimos eram muito próximos da escola em que estudou na infância e, portanto, locais que foram frequentados por Mariana - que na época não sabia estarem vinculados à memória negra. Ela diz que hoje existe algum reconhecimento, iniciativas que parecem simples, como placas de identificação nos locais, mas que são muito significativas porque valorizam essa memória e as tornam visíveis.

A pesquisa de mestrado da participante faz relação com as escolas e com as políticas de educação. Nesse sentido propõe uma reflexão sobre o impacto da legislação e cita, como exemplo, a lei que orienta sobre a introdução da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo oficial da rede de ensino básico do Brasil, e ressalta sua importância.

- Distrito da Liberdade
- Distrito da Bela Vista
- Distrito do Jabaquara
- Pontos destacados pela participante

**Mariana Guarnieri**

**Na Liberdade:**

- Antigo Largo de São Gonçalo;
- Antigo Largo do Pelourinho;
- Capela do Aflitos
- Praça da Liberdade
- Terreno destinado à construção do Memorial dos Aflitos;
- Igreja das Almas;
- Rua da Glória
- Paulistano da Glória
- Cinco Esquinas
- Escola de Samba Lavapés

**No Jabaquara:**

- Axé Ilê Obá
- Centro de Culturas Negras
- Na cidade de Santos:
- Quilombo do Jabaquara
- Quilombo do Pai Felipe

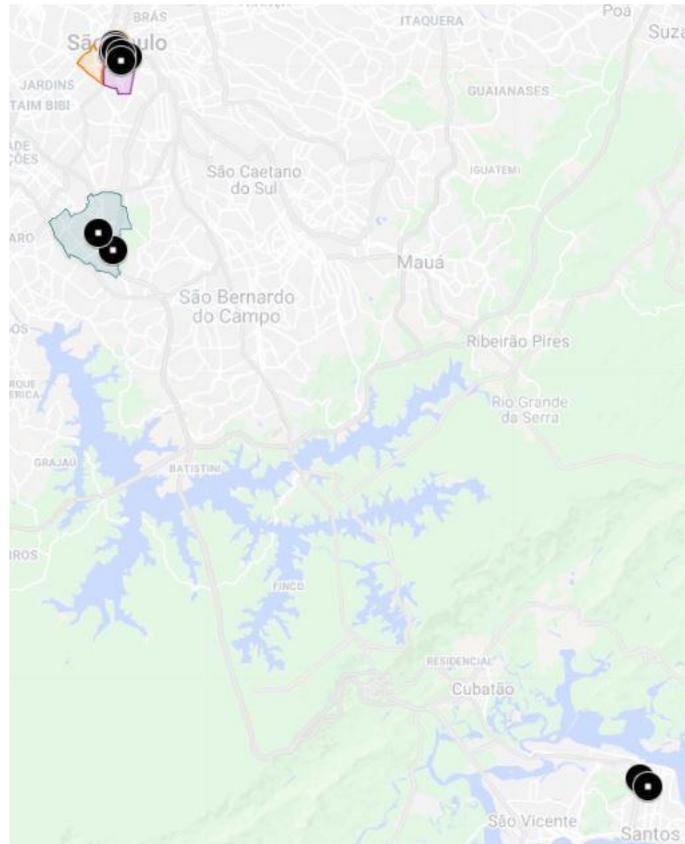


Figura 19 - Pontos qualitativos destacados na área da Liberdade, do Bixiga, do Jabaquara e na Cidade de Santos.

Use o link para acessar o mapa:

[https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1xvkP8xbyxAlnTOZ1\\_IU1RZYrVERp5ym9&usp=sharing](https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1xvkP8xbyxAlnTOZ1_IU1RZYrVERp5ym9&usp=sharing)

**Autora:** Mariana Guarnieri. Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps

## Debate

**Maria Isabel Imbronito**

*Acho que esse relato da Adriana é da nossa época de escola, né Adriana? Porque acho que nesse momento há um grande movimento de trazer uma inclusão. Eu acompanho um pouco os estudos do meu filho, e vejo que várias narrativas históricas estão sendo abordadas, e a pluralidade vem discutida, me parece, desde o primeiro momento escolar. Não só uma questão de racismo, mas uma questão abrangente de inclusão, e uma tentativa de construção de respeito entre os indivíduos. Mas você tem toda razão, o nosso preparo sobre este assunto em nossa época de escola realmente foi cheio de lacunas.*

**Adriana Prequero**

*Não existia né, professora, essa história para a gente? Se está sendo incluído, não sabia mesmo, mas demorou, não é?*

**Maria Isabel Imbronito**

*Sim. Porque hoje é uma questão legal. Hoje está legalmente colocado, a construção da história dessa maneira dentro das escolas.*

**Adriana Prequero**

*Porque é como você falou, fica essa lacuna para a gente, porque é a nossa história. E a nossa história é miscigenada além de tudo.*

**Anníbal Montaldi**

*Eu sou professor de colégio, esqueci de falar disso na apresentação. Sou professor de Ensino Fundamental II e Médio. Eu acho que, primeiro, foi extremamente importante essa lei de inclusão das culturas existentes. Eu não posso ter um panorama geral porque não é minha área de estudo, sinceramente, mas, apesar da lei, tem duas questões. Acho que, primeiro, falta formação específica aos professores para aplicação disso. Agora, colocando de outro lado, acho que ainda existe uma resistência de parte de certas escolas de apresentação dessas histórias. Eu vou brincar com um nome que eu ouvi e que eu gosto muito, eu hoje em dia estou na região leste, além das escolas verdes que a gente brinca, que são as escolas mais progressistas, com olhares mais múltiplos na formação do indivíduo, menos tradicionalistas, menos conteudistas, elas têm uma abertura muito grande para nova lei agora, de inclusão das culturas indígenas e das culturas negras dentro do desenvolvimento. Mas, muitas escolas tradicionais ainda deixam isso à margem. Há essas realidades distintas aí, quer dizer, a lei é um instrumento importantíssimo que faz com que essa discussão seja adotada aos poucos, mas também é muito interessante como ela está num âmbito mais periférico. Quando eu converso com professores que estão no ensino público, percebo que ainda há resistência, e que isso faz parte dessa ideia de racismo, da ideia de um racismo estrutural dentro da sociedade, de olhar para o colonizador e não olhar para as questões da escravidão ou para as questões tanto negras quanto indígenas e para as questões de massacres e genocídios tanto negros quanto indígenas. E acho que tem uma coisa muito interessante, eu vou só levantar uma questão que também não tenho estudo aprofundado, mas vejo que muitas vezes ainda se aborda esses temas como associados a uma*

*cultura exótica. Acho que essa questão do exotismo é uma questão séria porque você não coloca num patamar cultural do colonizador, você coloca como o que é diferente que é não pertence à sua cultura, que está fora da sua construção cultural. Eu estou colocando aqui coisas distintas, com alguma liberdade de pensamento, mas porque foram surgindo essas reflexões a partir das questões aqui colocadas.*

**Adriana Prequero**

*Fica sempre se colocando à margem, não é, Anníbal?*

**Maria Isabel Imbrônio**

*Falo um pouco como depoimento do que eu acompanho aqui em casa, pois enquanto acompanho um grupo de escolas antirracistas, eu vejo como a escola que meu filho frequenta está posicionada, quer dizer, é uma escola cheia de bolsas de estudo, não apenas por critério econômico, tem crianças com acompanhamento especial em sala com os demais alunos. E também o que eu acompanho de conteúdos é muito interessante, a história dos reinos da África, a participação nos comércios, então realmente uma história colocada sem essa questão exótica, mas dentro de um panorama de construção de história mundial que é muito bacana.*

**Anníbal Montaldi**

*Bel, só comentar, eu não quis dizer que essas escolas tratam como exótico, ao contrário, eu vejo por exemplo meus sobrinhos netos que estão na Escola da Vila, Oswald, ou Alecrim, que eu tenho uma proximidade muito grande, eu vejo que essa história está sendo colocada realmente como parte da nossa história, que ela o é. Mas, eu estou falando de outro âmbito, que é um âmbito da maior parcela da população, quando muitas vezes foge desse escopo mais intelectualizado, ou a esse processo mais intelectual, muitas vezes é visto desse modo.*

**Eneida de Almeida**

*Anníbal, acho que sim, essa questão está colocada, porque é sempre o ponto de vista do branco que analisa, e depois acho que a Gislaíne pode se colocar e Débora também.*

**Anníbal Montaldi**

*Inclusive todos os professores são brancos.*

**Eneida de Almeida**

*Porque há em jogo uma consciência, uma construção de conhecimento que é legítima, mas é importante falar que é um ponto de vista e uma tentativa de aproximação. Mas acho que a gente não pode esquecer que vivemos hoje uma conjuntura que defende uma Escola Sem Partido, e que há alguma relação com o que a gente está falando aqui. E ela invade, ela destrói tudo, todo o pouquinho que se conquistou nessas últimas décadas de uma visão mais abrangente, mais aberta de construção do conhecimento, que essas identidades múltiplas, inclusive essa da presença negra. Mas eu acho que não dá para deixar de lado isso, porque senão a gente fica sempre na abstração e não combate essa conjuntura que a gente está vivendo, de uma forma muito opressiva e não está sabendo responder ainda a isso. Então como é que a gente converte também essa discussão em mecanismo de resistência, e aí retomando a fala com a que Carol abriu a conversa, reatando com a fala da Gi na apresentação linda que fez, ou mesmo da Bel quando fala dessa construção de*

*mapa que é uma tentativa de construção no espaço, mas que também é uma construção no tempo e que vai incorporando essas falas aqui, que não estão só na arquitetura, na pedra, no traçado, mas estão também nas vivências.*

**Gislaine Nascimento**

*Acho que, como vocês falaram dessa questão de colocar e de obrigar as escolas a falar sobre a Cultura Negra e a Indígena, acho que foi um conjunto de vitórias do Movimento Negro, essa legislação e a política de cotas, porque chega a ser engraçado falarem “ah, mas não temos professores negros”, nossa, calma aí, não sabem que até pouco tempo atrás nós não tínhamos o direito nem de ser, nem de existir? A política de cotas foi importante nesse sentido, de realmente inserir pessoas negras como eu, por exemplo, nas universidades, mesmo nas universidades particulares. Eu entrei na São Judas com 100% de bolsa do Prouni, e só por isso tive condições de fazer faculdade, senão jamais teria feito, ou teria demorado muito para fazer. Então, essas políticas de inserção de pessoas negras nesses espaços são importantes porque, aos poucos, a gente vai começando a entrar como professores, e a gente, no Movimento Negro, fala muito sobre representatividade. Acho que ter o conteúdo das culturas negras e indígenas nas escolas particulares sem dúvida é ótimo, porque coloca ali uma narrativa que era ignorada, mas colocar esse conteúdo nas escolas públicas é mais importante ainda, porque você mostra para as crianças negras, e a Déborah está aí com uma bebê de dois anos, você mostra para essa criança que ela tem história e que ela precisa ser respeitada. Porque antes, imagina, eu me lembro de várias opressões quando era criança, coisas simples como aquele “lápis da cor de pele”, me recusava a usar, mesmo bem pequena eu não via sentido naquilo. Então acho que tem vários avanços, mas acho que a gente tem que lembrar que esses avanços foram resultado da resistência e da luta do Movimento Negro e sempre uma resposta à violência, nunca é pelo outro lado, justamente pelos interesses das classes dominantes, que detém poder e o dinheiro.*

**Anníbal Montaldi**

*E só fazendo um reforço na sua fala, Gi, sobre o que está ocorrendo na São Judas que não tinha na sua época, a gente vê que é resultado de políticas públicas, as políticas de cotas e financiamentos, e bolsas...Hoje em dia estão muito presentes na São Judas os coletivos de Feminismo Negro, Coletivos LGBTQi+ +Negros, dentro de uma universidade particular, que era uma coisa que antes não se imaginava, alunos conseguem ter um espaço de discussão e de conscientização. E acho muito interessante, a gente estava discutindo a respeito da sobreposição de camadas, do preconceito, do racismo estrutural, pois então foi a resistência que potencializou a mulher negra, pela opressão que sofria, a criar esses coletivos. O coletivo de mulheres negras da São Judas é um dos coletivos de maior força dentro da Universidade. Então, como essa questão da conscientização, da inclusão e políticas públicas pode dar espaço para esse processo, para furar esse processo opressor existente.*

*Eu não imaginaria isso quando entrei na São Judas, que nem é tanto tempo assim, eu entrei na São Judas há 10 a 11 anos, então nos quatro ou cinco primeiros anos eu não conseguiria imaginar que isso pudesse acontecer numa universidade como a São Judas.*

**Eneida de Almeida**

*Imagina eu que estou lá há 30 anos, as transformações que acompanhei. E, Gislaine, eu me lembro disso, você estava nesses primeiros grupos, dos anos do PROUNI, que foi inclusive uma época em que se começou a trazer para sala de aula os temas ligados aos bairros periféricos. E as modificações acontecem a duras penas. E temos hoje os alunos de TFG trazendo esses interesses, que possuem maior relação com a vivência deles, fugindo àquele museu convencional, àquele centro cultural genérico. São eles se voltando para os seus próprios territórios e procurando incorporá-los na própria intervenção e, além disso, levar a sua formação, a sua capacidade de atuar, para transformar esses lugares.*

**Maria Isabel Imbronito**

*É uma aproximação com a realidade, não é, Eneida?*

**Eneida de Almeida**

*Sim, e com esses territórios das periferias, e das vivências a que estamos nos reportando aqui, que antes ficavam de fora da sala de aula. Claro que havia professoras como a Maria Carolina Maziviero, Carolina Heldt, mas faltavam professores que favorecessem essa conexão, eles estavam ali em alguns momentos específicos do curso criando contrapontos, mas prevalecia outra visão de curso e outra visão até em relação ao trabalho do arquiteto, ao projeto de arquitetura, ao programa da arquitetura.*

**Anníbal Montaldi**

*Deixa eu fazer um depoimento. Tem um aluno fazendo TFG, indo para o TFG II, pesquisando a área do Jabaquara, para realizar o projeto de um centro de candomblé e um espaço para a cultura negra. Eu fico imaginando se isso seria possível há alguns anos num curso de arquitetura como o da Universidade São Judas. E a partir da discussão dos Quilombolas...*

**Eneida de Almeida**

*Havia também alunos que se rebelavam e iam reclamar com a coordenação, com alguns temas que fugiam daquela formação mais convencional, politicamente mais conservadora.*

**Carol Maziviero**

*Eu me lembro, não precisa voltar dez anos... Um pouco antes de eu sair da São Judas, eu lembro que tinha um aluno, e eu ouvi isso no cafezinho e vou suprimir os nomes, fazendo o projeto de uma mesquita, e aí um professor que estava ali nessa rodinha disse: - "Já pensou? Daqui a pouco vão estar fazendo terreiro de candomblé!" Eu me lembro disso, e você diz: -"Há dez anos, isso não aconteceria..." Isso não aconteceria há três anos! Porque eu me lembro que foi um pouco antes de sair [da USJT]. E eu, que sou umbandista, fiquei bem quieta. Porque eu fui formada nessa cultura de que a gente ficava quieto, não falava que a gente era umbandista, porque sofria algum preconceito, porque tinha vergonha, desde criança. E, na faculdade, ainda mais... -"Como você está fazendo pós-graduação e tem uma religião?", para*

começar, e - “Você tem uma religião de matriz africana?” Já pensou, que crime!

**Anníbal Montaldi**

*E vou colocar uma coisa, “e como você, branca, tem uma religião de matriz africana?”*

**Déborah Fabrício**

*Eu tenho 43 anos, eu sou anterior ao PROUNI, eu entrei em 1996 na faculdade, (acabei não falando que sou graduanda novamente agora da UNIFESP em História da Arte), como eu falei, eu adoro estudar. Mas sempre fui muito sozinha, meu pai é jornalista aposentado da USP e pagou colégio para mim e minhas irmãs no Objetivo da Paulista nos anos 1980, uma das irmãs estudou no colégio Santa Cruz, e ela era a única negra no colégio todo. Aí, chegando na faculdade, a mesma coisa... Estudei na FATEC, e sempre com poucos negros, e lá ajudei a formar a FATEC-AFRO, mas não tinha com quem discutir, os próprios professores achavam que era “mimimi”. Então, é importante essa questão da inclusão, das cotas, como a Gislaine falou, e, aí sim, acaba sendo uma consequência a formação dos coletivos. Fiquei até feliz, pois não sabia dos coletivos da São Judas.*

**Anníbal Montaldi**

*Eu ia falar uma questão, você me suscitou uma lembrança, quem está trazendo o tema não é negro.*

**Maria Isabel Imbrônio**

*Isso eu ia mencionar... Como a coisa reverbera...*

**Anníbal Montaldi**

*Isso é muito interessante, não estou dizendo que o negro tenha que trazer esse tema, não é essa a fala, mas é interessante ... Não sei como concluir, e queria dizer uma coisa, que aquele aluno não é do candomblé, é umbandista, que as pessoas acham que é semelhante, mas não é. Mais um ponto que eu gostaria de falar, como é importante a postura do professor na política, porque você percebe o incômodo do aluno ao abordar o tema dentro da própria roda de orientação e, quando você abraça o tema e trata com naturalidade, como você trataria uma igreja ou assuntos do escopo dominante, a questão se dilui no grupo e aí é aceita, e passa a ser tratada com naturalidade. É o início de uma conversa mais igualitária. Acho que isso é muito louco, acho que, uma coisa já dita pela Carol, é muito doido quando você faz determinados temas, eu tenho muitos alunos que trazem temas ligados a questões sociais, e acho que a maioria dos alunos que vem me pedir orientação são alunos que trabalham com questões sociais. É muito difícil quando você repara, quando a pessoa olha para você, e agora estou falando como homossexual, ou quando supponho que falem com a Carol, que é umbandista desde sempre, alguns olham com olhar ‘diminuidor’, você não é mais aquela pessoa tão apta quanto se imaginava, porque você está dentro de uma determinada categoria, e isso entre colegas, entre pesquisadores também pode acontecer, então você entra naquele patamar, ainda mais eu como homem branco, como é que você está renegando uma condição dominante.*

**Adriana Prequero**

*Mesma coisa essas pessoas que se orgulham de serem de direita, essa postura esnobe, que no mundo de hoje já é tão cafona, aquela coisa de vergonha alheia. Acho bom lembrar que*

*domingo temos eleição, com um número recorde de mulheres negras, embora os partidos tenham tomado isso como uma vantagem, ter mais mulheres negras, mas uma hora a gente vira esse jogo. A exemplo dos EUA, que mulheres negras e pobres decidiram a eleição do John Biden. Então, são coisinhas, que ainda podem ser pequenos passos, mas que estão aí.*

**Gislaine Nascimento**

*Eu coloquei música para vocês ouvirem depois, da Elza Soares que se chama Exu nas Escolas, a música é incrível, tem uma parte que se recita um poema maravilhoso, acho que vale super a pena ouvir, e também por ser a voz da Elza Soares, que faz bem para tudo.*

**Maria Isabel Imbroni**

*Acho interessante isso que o Annibal coloca sobre assumir as coisas. O número de brancos que praticam a umbanda deve ser bastante grande, valeria a pena tentar levantar esses números, porque eu acho que não é pequeno.*

**Adriana Prequero**

*É sim! É o estado com maior número de umbandistas do Brasil é o Rio Grande do Sul.*

**Carol Maziviero**

*Em Curitiba tem uma rede grande com a qual eu tenho colaborado, até na segunda-feira a gente vai fazer uma mesa dentro do mês da Consciência Negra, que é sobre monumentos e assentamentos, formas de habitar e não sei mais o quê, não me lembro o nome exato da mesa. Uma das questões que eu queria ressaltar é que, por conta de uma vergonha ou uma restrição, quando se tem o Censo muitas pessoas que têm religião de matriz africana não se declaram. O grupo RENAFRO tem feito uma campanha grande para que as pessoas dos terreiros declarem a sua religiosidade, porque isso indica a política pública adequada, isso implica a segurança e o reconhecimento, pois também não se reconhece, uma vez que a quantidade de pessoas que se autodeclaram é pequena. Então, tem gente trabalhando nisso.*

**Annibal Montaldi**

*Carol, mas isso, eu fico pensando nessas coisas, e eu acho que isso volta à questão que a Gislaine levanta de representatividade, a quantidade de pessoas que não se declaram negras, às vezes, por uma falta de exemplificação. Como é que você se espelha quando você não tem representação?*

**Carol Maziviero**

*Pode ser, mas no caso da religião, acho que entra nisso aí, não vou dizer que sou umbandista, vou deixar em branco... Aí, soma na quantidade majoritária.*

**Annibal Montaldi**

*Aí volta à questão do racismo estrutural. Porque se você se declara que está dentro de uma religião de matriz africana, você recebe aquele olhar que é diminuído.*

**Gislaine Nascimento**

*Acho que essa questão de ser diminuído é relevante, que realmente ocorre, mas, quando se fala da população negra, ao falarmos dessa população que não se declara negra ou que não se declara participante dos cultos de matriz africana, a gente precisa lembrar que houve um período de extrema violência, e que ainda há casos assim, que a gente se assusta, de ver*

terreiros em que pessoas ateiaram fogo em ações radicais, e fica por isso mesmo. Acho que há nessas declarações uma forma de autoproteção. Lembrei de uma obra, uma pintura que não vou lembrar o nome, que mostra uma senhora negra agradecida pelo neto ter nascido branco [Déborah: A Redenção de Cam], quero dizer, que você sofreu a sua vida inteira na escravidão, e principalmente no caso de mulheres, acho talvez seja oportuno citar “Mulheres, Raça e Classe”, da Ângela Davis, a gente está falando de estupro, a gente está falando de mulheres obrigadas a amamentar por três, quatro anos seguidos, e não os próprios filhos, pois os próprios filhos eram retirados delas, mulheres que eram obrigadas a trabalhar nas lavouras enquanto grávidas, então a gente tá falando de uma violência absurda, e que tem reflexos até hoje, era isso que significava viver para um negro, e sobretudo, para uma mulher negra. Entendo que essa negação esteja muito além da vergonha, é uma questão muito sensível. Eu sou, claro, de uma religião de matriz africana, estou até com o meu cordão aqui para poder lidar com esse assunto tenso, mas no geral, eu admito que por muito tempo também me preservei.

**Anníbal Montaldi**

Só para contribuir, vou fazer aqui um relato, eu vou votar na Erika Hilton (mulher trans negra), fazendo aqui propaganda política. Uma das colaboradoras da agenda dela estava distribuindo os santinhos eleitorais na última sexta-feira, e levou paulada e mordida por ser mulher trans, na Av. Paulista. Um senhor, que se incomodou com a presença dela, pegou um pedaço de pau e atacou essa colaboradora com pauladas e mordidas.

**Carol Maziviero**

Queria comentar que nessa mesa que vou participar, acho importante essa questão da representatividade, além das duas pesquisadoras, tem a mãe Nilze de Naira, que trabalha muito com essa questão dos utensílios, do patrimônio dos objetos do ritual do candomblé, e tem também a Dra. Rita de Oliveira, que é defensora pública da União em Curitiba e é coordenadora do grupo de pesquisas étnico-raciais da DPU, e tem feito uma série de ações para defesa desses grupos afro-brasileiros. Importante comentar a tese de doutorado defendida pelo Thiago Hoshino, “O direito virado no santo”, que é sobre justamente o direito dos povos dos terreiros, e foi super elogiado, ele já tem alguns livros publicados sobre isso, e acho que é importante dar uma olhada nessa produção.

**Eneida de Almeida aponta para o encerramento da oficina e apresentação do mapa geral produzido para a oficina.**

**Gislaine Nascimento mostra o mapa geral da oficina e explica os critérios para a escolha das áreas de interesse.**

## De volta às áreas selecionadas e às discussões ligadas às políticas oficiais de preservação do patrimônio cultural urbano

Definimos essas três áreas de São Paulo (Bixiga, Liberdade e Jabaquara), mas não foi fácil fazer esse recorte. Como a Déborah mostrou, há a importância de se falar sobre o Centro Velho e o Centro Novo, e sabemos que há também outras áreas em que seria importante destacar a ocupação negra, como Barra Funda, o próprio Centro Velho e também o Ibirapuera. E o bom de destacarmos vários exemplos é que ajuda a romper com a ideia de que essa é uma questão pontual, ou seja, a questão não é apenas o termo Japão no nome da estação Liberdade do metrô, há muito mais envolvido nisso.

- Distrito do Jabaquara
- Distrito da Liberdade
- Distrito da Bela Vista



Figura 20 – Distritos selecionados para estudo na Oficina, Bixiga, Liberdade e Jabaquara.

Use o link para acessar o mapa:

<https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1kD1TGQaFNsGsi1SmURFk7ngHQDBu3PXw&usp=sharing>

**Autora:** Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps

Destacamos o mapa o perímetro oficial do Jabaquara, Liberdade e Bixiga, conforme consta no Geosampa. Delimitamos esses limites oficiais de cada um dos distritos, depois destacamos os perímetros de preservação. No caso do Bixiga, a área oficial de tombamento vai além do perímetro oficial do distrito, como é o caso também da Liberdade, em que o perímetro de preservação abrange a praça da Liberdade, já o do distrito não. Nós mostramos também os perímetros delimitados no IGEPAC, que distingue diferentes áreas de preservação na Liberdade. Sinalizamos essas áreas e fomos, a partir disso, assinalando os pontos oficiais que já estão tombados ou são considerados pela historiografia da arquitetura.

Bixiga, por exemplo: o edifício Japurá, do arquiteto Kneese de Mello, que não é tombado, mas vem sendo muito estudado nas faculdades de arquitetura, e é um exemplo interessante porque sua construção só foi possível porque o racismo deu ferramentas para isso. Havia algumas famílias morando nesse terreno e que foram retiradas para viabilizar a sua construção. Temos também o Teatro Oficina, que é um caso interessante por ter gerado grande mobilização da sociedade contemporânea, para que o terreno ao lado fosse protegido, e esse terreno continua vazio. Esperamos que ele seja ocupado por algo melhor do que um *shopping*. Os Arcos da Jandaia, hoje na cor cinza, já haviam recebido aqueles grafites atualmente apagados. Sinalizamos também a escadaria, a Vila Itororó.

## **Liberdade**

Indicamos aqui esse Conjunto Habitacional da Várzea do Carmo que é tombado, e segue os mesmos preceitos da arquitetura moderna. O CCSP, que também é um edifício que compôs o conjunto de obras para construção dessa operação urbana Vergueiro da década de 1970.

- Distrito da Liberdade
- Distrito da Bela Vista
- Perímetros de Preservação

**Bixiga**

Resolução N°22/2002 CONPRESP

Pontos destacados no Bixiga

- Teatro Oficina,
- (1967-1985-1993)
- Edifício Japurá, 1945
- Escadaria do Bixiga, 1929
- Arcos da Jandaia, 1911-1921

**Liberdade**

Resolução N°20/2016 CONPRESP

Pontos destacados na Liberdade

- Estação da Linha Azul do Metrô Japão-Liberdade, 1975
- Centro Cultural da Cidade de São Paulo, 1976-1982
- Conjunto Habitacional Várzea do Carmo, 1942

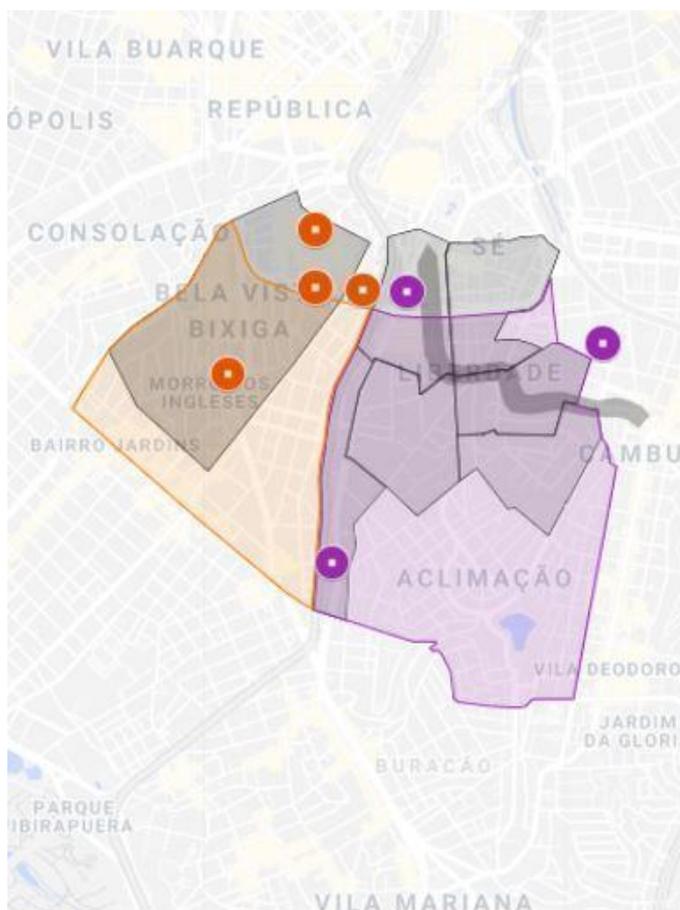


Figura 21 – Áreas do Bixiga e da Liberdade: pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura.

Use o link para acessar o mapa:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=15e8gMhf0lwFDbmj2E8lxTNtbuuQIYi0a&usp=sharing>

**Autora:** Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps

**Jabaquara**

Destacamos o Sítio da Ressaca, que ainda de forma assustadora é estudado na historiografia de arquitetura como “Casa Bandeirista”. E sinalizamos essa vitória do Movimento Negro, que foi o tombamento em 1975, desse terreiro de Candomblé, num esforço do Egidio e da Mãe Silvia, que hoje são homenageados e tem seus nomes no Centro de Culturas Negras e em seu acervo.

- Distrito do Jabaquara
- Pontos destacados no Jabaquara
- Centro de Culturas Negras "Mãe Silvia de Oxalá, 1977
- Sítio da Ressaca, 1719 - Tombamento: Resolução CONDEPHAAT 18/10/1972
- Axé Ilê Oba, 1975 - Tombamento: Resolução CONDEPHAAT 14/08/1990

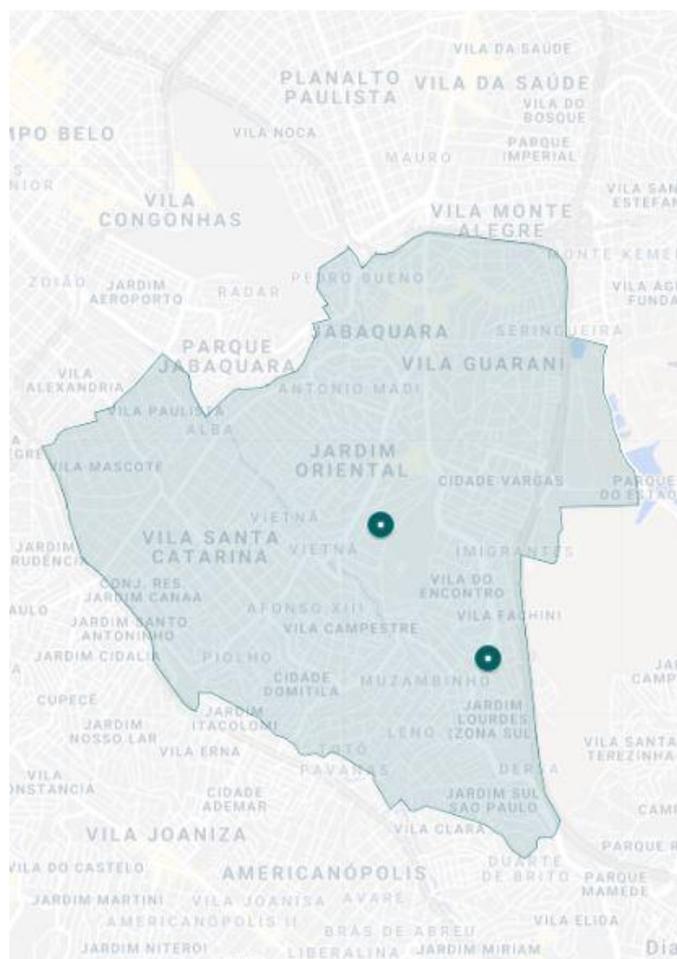


Figura 22 – Área Jabaquara: pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura.

Use o link para acessar:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1Lwob2bbtnyOGzly6ip0AjUTfDQhMRfNJ&usp=sharing>

**Autora:** Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps

No Bixiga, a Vai-Vai: destacamos a quadra que é de 1930, e o percurso que a escola faz nos ensaios de vésperas do desfile no sambódromo. Aqui, destacamos o Samba da Treze que é tradicional, o samba que começa logo depois da missa na Igreja da Achiropita.

Na Liberdade, mencionamos o Largo do Pelourinho que, não à toa, destaca essa imagem difícil de olhar, desse homem com as costas marcadas pelas chicotadas. É importante encarar essa memória, e não deixar os esforços das chamadas ressignificações apagarem a história real. O Largo da Forca, onde pessoas negras condenadas eram enforcadas em público. A Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados



No Jabaquara, é destacado o Sítio da Ressaca e Centro de Culturas Negras Mãe Sílvia de Oxalá, com ênfase no acervo afro-brasileiro, com a imagem de Quintino Lacerda, pois há registros de que o Sítio da Ressaca foi também ocupado por essas pessoas que tentavam se refugiar, tentavam se proteger da escravidão. Quintino Lacerda foi um vereador brasileiro e um líder abolicionista, uma das principais lideranças do Quilombo do Jabaquara que, infelizmente, ainda é um local muito pouco estudado, inclusive nem mesmo pelo seu potencial arqueológico foi explorado, mesmo sendo o segundo maior quilombo do Brasil, só não era maior que o Quilombo de Palmares em Pernambuco.

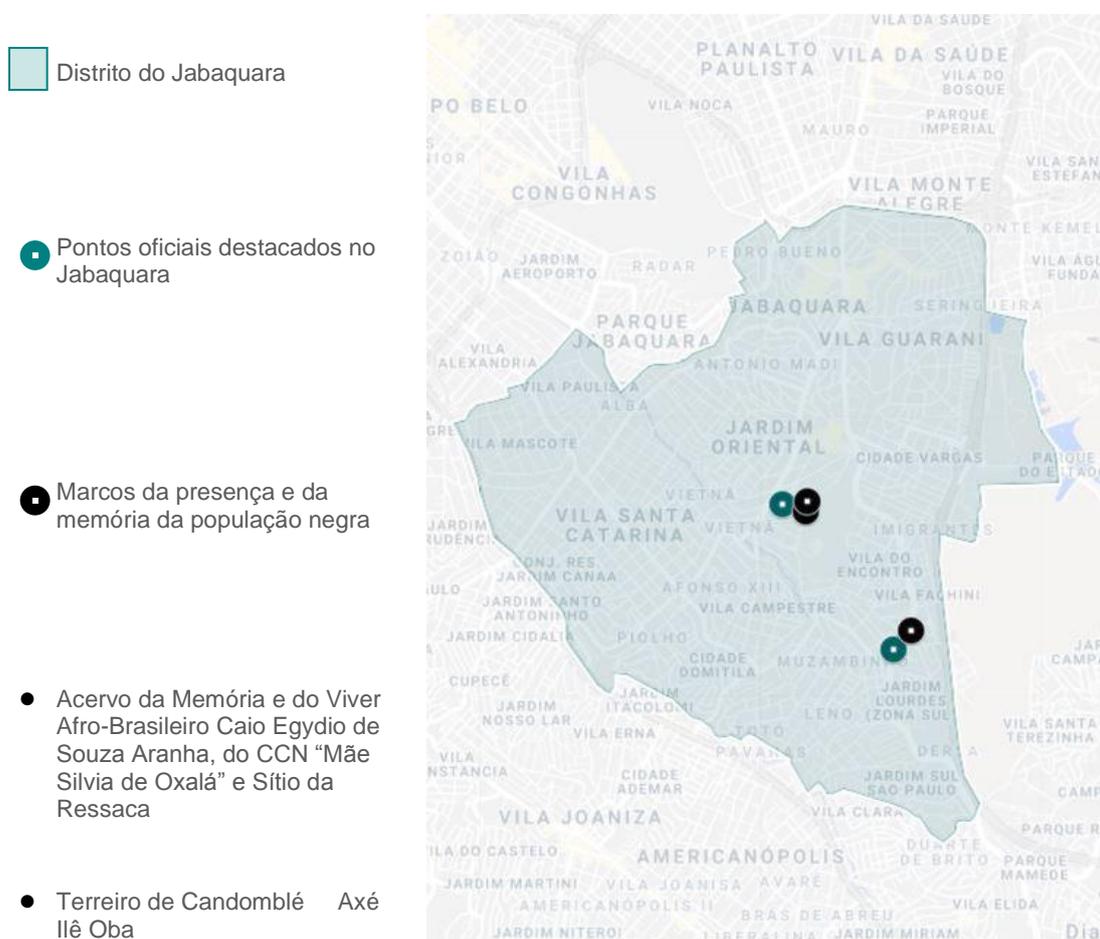


Figura 24 – Área do Jabaquara: sobreposição dos pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura, com marcos da presença e memória da população negra

Use o link para acessar o mapa:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1ZjmimiWKO29dqCIsFxlV6tfTicilfqm3&usp=sharing>

**Autora:** Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps

São destacados também os marcos viários, por explicar bem o porquê dessas áreas. A princípio, pode parecer que o Jabaquara está tão longe, talvez pelo fato de que estejamos um pouco aprisionados a essa questão do marco zero da cidade. Esse mapa pode ser visto por muitos ângulos, é claro que tem o ato da instituição da Província de São Paulo, mas se dilatamos um pouco isso, podemos identificar outros mapas, como a Maria Isabel bem colocou no início sobre essa questão das cartografias. É como se nos autorizasse a fazer novas interpretações possíveis. Colocam-se aqui esses caminhos tombados: o Caminho dos Carros, do Eixo Vergueiro, e esses outros dois percursos que eram rotas dos tropeiros, dos transportadores de mercadorias entre o Porto de Santos e principais fazendas que ficavam em Santo Amaro ou até a colina, onde estava a maior parte da população da província; e a outra rota pelo ABC Paulista, que é tombada e, até hoje, o trecho na altura de São Bernardo é chamado de Caminho do Mar. Pelo mapa, se vê bem que a localização do bairro Jabaquara era bastante estratégica, pois ficava entre essas duas rotas, uma mata fechada que abrigava aqueles que buscavam refúgio e seguiam para o Quilombo do Jabaquara.

Não à toa, a avenida que liga hoje as duas rotas é chamada de Avenida dos Bandeirantes. Ao ver aqui a localização do Ibirapuera, torna-se bem preocupante pensar o que houve com a população indígena que ali vivia à época da passagem desses bandeirantes. Mas o racismo impera até hoje, e muitos desses lugares ocupados pelos povos originários foram renomeados para homenagear aqueles que dizimaram populações inteiras.

- Distrito do Jabaquara
  - Distrito da Liberdade
  - Distrito da Bela Vista
  - Perímetros de Preservação
  - Pontos oficiais destacados no Bixiga
  - Pontos oficiais destacados na Liberdade
  - Pontos oficiais destacados no Jabaquara
  - Marcos da presença e da memória da população negra
  - Marcos Viários
- Avenida 23 de Maio, 1930-70
  - Avenida dos Bandeirantes, 1970
  - Caminho de Santo Amaro
  - Antiga Estrada Santo Amaro – Resolução 13/CONPRESP/2013
  - Caminho de Carro para Santo Amaro – Resolução 36/CONPRESP/2018
  - Eixo Vergueiro Resoluções 13/CONPRESP/2013 36/CONPRESP/2018
  - Estrada Velha de Santos – Caminho do Mar

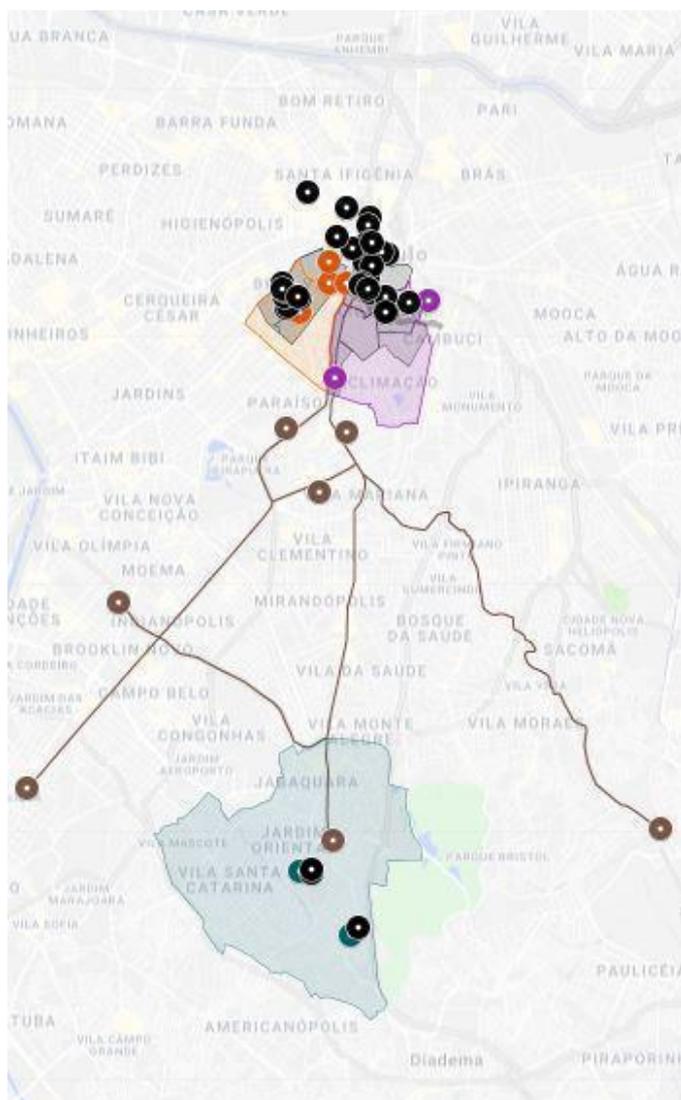


Figura 25 – Sobreposição dos pontos destacados e reconhecidos pelos órgãos oficiais ou pela historiografia da arquitetura, com marcos da presença e memória da população negra e marcos viários relevantes

Use o link para acessar o mapa:

<https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1O-rALBD9f9ACFBYk5d73EUkXxuYPNtXD&usp=sharing>

**Autora:** Gislaíne Moura. Mapa colaborativo elaborado na Oficina sobre base do Google My Maps

## **Posfácio. Como preencher as lacunas premeditadamente deixadas pelo racismo?**

A partir das abordagens apresentadas pelas organizadoras e após a apresentação dos mapas pelos participantes da oficina, teve início um debate em que cada um dos participantes trouxe outras questões sugeridas pelo próprio processo de discussão ocorrido durante os trabalhos.

Foram assinaladas as lacunas deixadas pelo racismo e o modo como puderam e ainda podem passar despercebidas. Essa observação leva ao questionamento - e ao desafio a ser superado -, de como seria possível preencher essas lacunas diante de uma estrutura tão sólida como é o racismo estrutural, que naturaliza violências.

Os integrantes mencionaram a recente lei (2008) que estabeleceu diretrizes para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, como um importante marco de reparação dessas lacunas. Lei esta que está contida, inegavelmente, num conjunto de vitórias dos Movimento Negro das últimas décadas, que se soma à política de cotas no ingresso às escolas, às universidades e a cargos públicos. Expressaram o entendimento de que, a partir de um melhor preparo da sociedade desde as suas bases, será possível, paulatinamente, romper com esse ciclo de apagamentos.

Nesse sentido, o debate aponta para a importância da representatividade, pois à medida que alunos negros e indígenas acessam o sistema de ensino e nele encontram a sua história contada e respeitada, eles veem a real possibilidade de alcançar também os espaços de poder, de serem protagonistas desse processo de transformação social, seja como professores, pensadores ou atores de processos sociais, econômicos e culturais. Essa condição contribui essencialmente não só para o afastamento da marginalização, mas também para a recusa de narrativas de exotização e inferiorização desses povos, não mais aceitando a justificativa e naturalização de um lugar inferior e servil, tal como são apresentadas pela ótica racista.

Nessa mesma perspectiva, uma maior diversidade entre os grupos que ocupam os espaços de poder contribui para que o ensino e a pesquisa não excluam conteúdos inerentes, sobretudo, às culturas negras e indígenas, como por exemplo, os espaços das religiões politeístas ou de matrizes africanas, ou o conhecimento presente na música popular, que tem no samba sua mais forte expressão, ou à história que a capoeira guarda, ou ainda aos registros presentes na arte de rua, como grafite e a dança.

A valorização desse repertório da população negra, como enfrentamento do controle da fala dessas pessoas e da desculpa de que assuntos científicos não podem ser pessoais, é fundamental para abrir espaço para que esses sujeitos também possam trazer à luz temas escondidos pelo racismo epistêmico do campo acadêmico. Da mesma forma, esse mesmo espaço deve ser aberto aos alunos não negros e atentos a esse nicho imenso de pesquisa, ainda pouco explorado, que é a história e a memória da população negra. Nas palavras um dos principais ativistas do Movimento Negro, Hélio Santos, “o país precisa começar aproveitar os talentos desperdiçados pelo racismo institucional”. Cabe informar que Hélio Santos coordenou, nos anos 1990, as ações de políticas afirmativas que resultaram nas políticas de Cotas e é um dos fundadores do IBD (Instituto Brasileiro da Diversidade), organização civil com foco na Gestão da Diversidade, também presidente do Conselho Deliberativo do Fundo Baobá, entidade voltada para o fortalecimento das organizações que trabalham pela equidade racial no país.

Uma postura antirracista oferece ferramentas para o enfrentamento da conjuntura atual, em que se amplificam vozes em defesa de uma “Escola Sem Partido”, uma vez que permite se contrapor à censura e à perseguição política dela decorrente, em defesa da liberdade de cátedra e da construção de uma educação democrática, inclusiva e plural - que opera em favor da maioria da população, negra e pobre -, instrumentos indispensáveis para confrontar a manutenção das desigualdades sociais e das relações de poder vigentes na sociedades e sua reprodução nas escolas.

Abordar os conceitos de raça e racismo de forma séria e constante também oferece ferramentas para fortalecer grupos organizados dentro das instituições de ensino, como Coletivos de Mulheres Negras ou LGBTQI+ Negros, entendendo que eles constituem uma forte resistência diante de ações que buscam retrocessos sociais, por meio da descontinuidade das políticas públicas que visam o desenvolvimento igualitário.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Sílvio de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2019
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo. 2016
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1968.
- FERREIRA, Abílio (org.). **TEBAS: um negro arquiteto na São Paulo escravocrata**. São Paulo: IDEA, 2018.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2020
- GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cidade como bem cultural - áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, Victor Hugo et al. (org.). **Patrimônio: atualizando o debate**. 9ª SR/IPHAN, São Paulo, 2009.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, L. da (org.). **Pistas do método da cartografia**. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades. Porto Alegre: Editora Sulinas, 2009.
- RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RICOEUR, Paul. Da interpretação: ensaio sobre Freud. Tradução de Hílton Japiassu. Rio de Janeiro. Imago, 1977.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1993.
- WAISMAN, M. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

## Bibliografia Complementar

- KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. (Palestra Performance). Instituto Goethe, 2016. Disponível em: [Http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf](http://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf). Acesso: nov/2020

## Sobre as autoras

### Eneida de Almeida

Professora da Universidade São Judas Tadeu, atua na Graduação no Programa Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo (PGAUR/USJT), possui doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAU-USP (2010), mestrado em *Studio e Restauro dei Monumenti pela Università Degli Studi di Roma* (1987) e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, FAU-USP (1981). É coeditora da revista eletrônica "arq.urb" do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu e atualmente é Conselheira Representante do IAB-SP no CONPRESP (Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo). Tem experiência na Área de Arquitetura e Urbanismo com ênfase em História e Preservação da Arquitetura, dedica-se aos temas de preservação, restauro e intervenções contemporâneas em bens culturais, e ainda a pesquisas ligadas às ações de memória e de preservação do patrimônio cultural em uma perspectiva alargada de reconhecimento e documentação em prol da afirmação das identidades individuais e coletivas, tendo em vista a valorização da representação simbólica em concomitância com a afirmação da cidadania.

### Gislaine Moura do Nascimento

Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade São Judas Tadeu (2013). Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade (2010). Técnica em Edificações pela ETE Júlio de Mesquita (2002). Desenvolve pesquisa com ênfase em espaços públicos, paisagem urbana, paisagem cultural. Atuou como professora de arquitetura na Universidade São Judas Tadeu (2015-2017) e como arquiteta no Centro Cultural da Cidade de São Paulo (2011-2019). Desde 2002 acumula experiência na área da construção civil com elaboração de projetos técnicos, gerenciamento e acompanhamento de obras. Atua como autônoma em reformas, principalmente residenciais, com desenvolvimento do projeto de arquitetura aliado ao paisagismo, compatibilização de projetos e com a execução completa de suas obras.

### Maria Carolina Maziviero

Professora Adjunta A (DE) e pesquisadora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná (DAU-UFPR) e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano (PPU). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/2003), especialista pela Universidade Católica de Santos - UNISANTOS (2005), mestre (2008) e doutora (2013) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, FAUUSP, com estágio doutoral no Institute of Urban and Regional Development da Universidade da Califórnia, Berkeley. Realiza pesquisa sobre ativismo urbano e insurgências no processo de produção e apropriação do espaço urbano, contextualizando a transformação dos atores e agendas na luta pelo direito à cidade. Integra o núcleo gestor da Plataforma PrContraCovid, a Articulação por Direitos na Pandemia, e o Grupo de Pesquisa CNPq Ação Interdisciplinar Covid-19, juntamente com pesquisadores da UFABC, em parceria com a Fundação Tide Azevedo Setubal. Também é coordenadora e pesquisadora do Grupo CNPq - CUAL Comum Urbano na América Latina (UFPR), coordenadora do Laboratório de Habitação e Urbanismo da UFPR [Lahurb] e do projeto de extensão Formas de Habitar: dimensões do morar e da produção da cidade de Curitiba, em parceria com a Promotoria de Justiça das Comunidades, do Ministério Público do Paraná, MPPR. Também é membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural do Município de Curitiba (2019-2021). Atuou como docente na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Stricto Sensu) da Universidade São Judas Tadeu (PGAUR/USJT), onde também liderou o grupo de pesquisa CNPq Urbanismo na Era Digital entre 2015 e 2018. Foi representante titular do Instituto de Arquitetos do Brasil (IABsp) na Comissão Executiva de Proteção à Paisagem Urbana da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento da Prefeitura da Cidade de São Paulo (CPPU Smul PMS), Triênio 2017 a 2019. É parecerista ad hoc da agência de Fomento Fapesp e integrou o grupo de assessores técnico-científicos do Setor de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Paulista.

### Maria Isabel Imbrunito

Maria Isabel Imbrunito (Maria Isabel Imbrunito) tem Graduação (1994), Mestrado (2003) e Doutorado (2008) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. É docente nos cursos de Graduação e Mestrado Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, e pesquisadora da mesma Instituição. Também é docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Trabalha com projeto de arquitetura desde 1994, com experiência em projetos de edifícios. No campo da pesquisa e ensino, tem como principais temas a teoria da arquitetura e do urbanismo e o habitat contemporâneo.

## Índice Remissivo

- Avenida dos Bandeirantes | 52,53  
 Bela Vista | 32,33,38,46,48,50,53  
 Bixiga | 2,7,8,24,25,26,32,33,34,38,46,47  
 Caminho do Mar | 37,52,53  
 Caminho dos Carros | 52  
 Camisa Verde e Branco | 24  
 Candomblé | 42,43,45,48,51  
 Casa Bandeirista | 48  
 Centro Cultural da Cidade de São Paulo | 48  
 Centro de Culturas Negras Mãe Sylvia de Oxalá | 37,51  
 Centro Histórico | 33  
 Centro Novo | 32,33,46  
 Centro Velho | 32, 33, 46  
 Cinco Esquinas | 37,38  
 Conjunto Habitacional Várzea do Carmo | 48  
 Cotonifício Crespi | 35  
 Edifício Japurá | 47,48  
 Eixo Glória-Lavapés, | 37,38  
 Eixo Vergueiro | 7,10,37,47,52  
 Escola de Samba Paulistana da Glória | 34  
 Feminismo Negro | 19, 41  
 Grafite | 25,26,27,28,29,30,31,47,50,54  
 Ibirapuera | 46,52  
 Igreja da Sé | 32,33,34,35,37  
 Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos | 32,33  
 Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados | 37,49,50  
 Jean-Michel Basquiat | 26,27  
 Largo da Forca | 49,50  
 Largo de São Gonçalo | 33,37,38  
 Largo do Paissandú | 32  
 Largo do Pelourinho | 38,49,50  
 Largo do Rosário | 32,34  
 Liberdade | 7,8,10,31,33,36,37,38,46,47  
 Luís Gama | 33  
 Movimento Negro | 19,20,41,48,54,55  
 Pai Caio Egydio | 48  
 Planejamento Urbano | 10,14  
 Política de cotas | 41,54  
 Políticas afirmativas | 55  
 Praça Antônio Prado | 32  
 Quilombo do Jabaquara | 8,37,38,51  
 Quilombo do Pai Felipe | 37,38  
 Quilombolas | 25, 42  
 Racismo | 13,14,17,18,19,23,39,41,44, 47,52,54,55  
 Rosas de Ouro | 24  
 Rui Barbosa | 36  
 Samba da Treze | 49,50  
 Santos | 8,14,17,22,35,36,37,52,53,55  
 Sítio da Ressaca | 48,49,51  
 Teatro Oficina | 7,47  
 Tebas | 32,33,34  
 Tropicália | 35  
 Umbanda | 35,44

